



BIBLIOTHECA CELSO BAYMA

N. DE ORDEM

141

ESTANTE

1

PRATELEIRA

4

A IMPRENSA

A imprensa, pode-se dizer, é a eucharistia do pensamento.

O marmore dos prelos é a mesa da communhão universal.

Em torno dessa mesa só devem sentar-se os apóstolos fieis ás doutrinas e os discipulos amantes da verdade.

O symbolo da ceia tem na imprensa a sua reproducção.

E' o repasto espiritual offerecido ao povo.

Sobre a mesa, espargem-se igualmente os raios serenos do resplendor celeste — os raios da fé e da verdade, que, illuminando a consciencia dos povos, os tornam aptos para a conquista do seu bem e da sua gloria.

Quintino Bocayuva

ESTUDOS

CRITICOS E LITTERARIOS

POR

Q. Bocayúva.

*off.
Bocayúva.*

LANCE D'OLHOS SOBRE A COMEDIA E SUA CRITICA.

CORRESPONDENCIA LITTERARIA.

VOLUME I.

RIO DE JANEIRO.

Typographia Nacional.

1858.

AO DOUTOR FELIX XAVIER DA CUNHA.

Meu amigo.

Desde que isolado aventurei os primeiros passos de minha instrucção, posso dizel-o — de minha vida, na debilidade de minhas forças, na precariedade de minha posição, na incerteza de tudo, achei a tua mão para sustentar-me, o teu espirito para formar e guiar o meu e o teu coração para ser o abrigo de minhas dores e o exemplo de quantas virtudes podem ennobrecer o character individual.

Se algum raio de intelligencia me illumina, a ti o devo, se alguma qualidade me recommenda, é uma re-produccão de tua alma, se algum triumpho me está destinado no futuro, os louros da conquista serão da-diva tua.

Ha seis annos, que somos mais do que amigos, temos sido irmãos e neste periodo de tempo, juntos ou separados, nem no teu, nem no meu coração pôde amortecer-se a chamma sagrada de nossa amizade: ella não amortecerá jamais, posso affirmal-o por ti e por mim.

Consente, pois, que o primeira insignificante livro que publico, eu o abrigue á sombra de tua protecção e de teu nome, em quanto não o posso gravar em uma obra que seja digna delle.

Teu

Quintino Bocayuva.

AO PUBLICO.



Não ha quem ignore quanto é difficil a impressão de uma obra em nosso paiz.

Carestia de leitores, carestia de mão d'obra das impressões, carestia de todos os generos precisos para a manufactura do livro, determinam da parte dos escriptores uma prudente abstinencia de publicações.

Pobres, como quasi sempre são aquelles que fazem das letras a paixão dominante de sua alma, quando não a especialidade de seus estudos e de suas applicações, veem-se sempre na, para elles, dolorosa necessidade de guardarem sepultos nas gavetas seus escriptos ou, quando se abalançam a imprimil-os, a encommodarem seus amigos promovendo por uma subscripção que auxilie, quando não prefaça, o custo total das despezas da obra.

O que escreve estas linhas pertence ao numero desses desvalidos da fortuna, para quem a litteratura, ou antes o exercicio da imprensa, degenerou em uma febre que lhe incendeia o sangue e torna-o ás vezes delirante ao ponto de julgar-se deveras escriptor.

Confessa francamente a carencia de seus recursos porque para elle a pobreza, longe de ser uma des-honra, é um titulo de nobreza, quando a intelligencia por seu trabalho protesta contra os embaraços da posição e quando o character do individuo que a supporta, longe de entibiar-se, tira das mesmas contrariedades da vida novas forças, mais vivo estimulo, para lutar e garantir-se uma firmeza e uma independencia respeitaveis ambas.

Antolhando-se-lhe publicar este opusculo comprehendeu desde logo quanta difficuldade a vencer se lhe offerecia. Teve animo: não recuou da empreza por melindrosa que ella é: apellou para alguns amigos que felizmente lhe não faltaram nunca, nem lhe faltam hoje e a favor de algumas assignaturas, cil-o que apresenta ao publico não um livro, no rigor da expressão, mas um folheto.

Entretanto deve aqui fazer uma declaração. Reconhecendo, como reconhece, quanto é fria e indifferente nossa população para certos e determinados objectos, incluindo mesmo a mocidade em quem o exercicio das lettras é uma especie de morphea moral que repugna ao mais humano,—deve tambem de fazer uma observação:

Existe incontestavelmente essa friesa de que tanto me preoccupa, mas apreciando as causas que a determinam tenho chegado a este resultado:

O habito é um tyrano não sei se alguém já o disse,

mas se o disse, pronunciou uma grande verdade. O vicio que se herda com a educação, que generalizada e proseguida é o que forma o grande e precioso habito da humanidade em attender a certos principios e a certas conveniencias primordiaes,—é de todos o que mais difficilmente se subjuga ou extingue.

Se a nossa mocidade e em geral nossa população não corre a auxiliar com sua bolsa a propagação dos escriptos que se publicam, não é porque seja tacanha ou remissa em despende do seu para proveito alheio.

A generosidade, direi antes, a munificencia do character brasileiro comprovada todos os dias por actos patentes e vulgares, é reconhecida de todos.

O que origina, pois, essa indifferença de que fallo, —é o habito. A leitura ainda se não tornou entre nós uma diversão necessaria e todos mais ou menos, somos bem pouco aguilhoadas pela curiosidade litteraria quando o objecto della nos não vem seduzir á casa. Ninguem regeita, mas ninguem busca. Eis o mal.

Resolvendo, portanto, encetar hoje um genero de publicação virgem ainda em nosso paiz, muitas considerações tive a fazer.

Uma assignatura mensal que habilite uma publicação regular, é cousa entre nós difficil e que por ora só ha vingado em relação ao jornalismo diario, unico que tem podido progredir.

As publicações periodicas, alem de que algumas não desacreditado completamente o genero, encontram

embaraço para entreter a atenção e a assiduidade dos leitores e subscriptores.

Estes, por sua vez, são desconfiados e com toda a razão. Tanto se ha abusado da boa fé publica, por tanto ardid indigno e grosseiro se ha assaltado a bolsa dos assignantes que não admira vel-os hoje remissos e indagadores sobre o character dos que se apresentam a pedir-lhes seu concurso e auxilio.

Pena é que só se mostrem faceis e numerosos justamente para com os que d'intento se lhes aproximam com o intuito feito de não corresponder á confiança!

Apezar de tudo, porem, começo hoje a publicação d'alguns folhetos, correspondendo um a cada mez, e tratando de assumptos *meramente litterarios*. — Digo isto para me não ver embaraçado com o grande numero de subscriptores que me concorrerão se desconfiam de que vou tratar de *bancos* ou de *conciliação*. n'algum pequeno escandalo mensalmente dado á luz.

Reduzi quanto pude o preço da assignatura por duas razões naturalmente louvaveis.

Primeira, para que a barateza da subscrição me proporcione um circulo de leitores mais vasto e entendido, segunda porque especialmente me dirijo á critica e á apreciação dos moços como eu, que amam entregar-se aos estudos litterarios, e esses, eu o sei, são mais abundantes na classe dos que não podem despende muito em prestações avultadas e periodicas.

Se ao publico for agradavel esta empresa, cum-

prerei com o que prometto; se não, nada me restará que agradecer aquelles que se apressaram em proteger esta publicação.

Lamentando-me neste ultimo caso, nem por isso darei baixa de serviço ás letras.

Comprehende-se que um soldado envelhecido nas campanhas e no serviço de uma causa, peça no fim da vida o descanso que se lhe deve.

Mas aos vinte annos, por menos direitos e esperanças que se tenha n'um futuro de gloria, quebrar a penna e fazer de seus pedaços uma cruz, segundo o protesto de um illustrado amigo fôra uma covardia e um acto de desespero pusilanime.

Serei talvez incapaz de uma heroicidade, mas posso asseverar que, graças a Deos! a coragem é em mim uma virtude que eu sei dirigir.

Que se consinta ao menos a quem não tem talento possuir essa virtude que o recomende.

ANTES DAS CRITICAS.

O melhor prologo de uma obra modesta, é a mesma obra.

Esta consideração fôra bastante para desviar-me de escrever estas linhas se não tivesse o dever de complimentar ao publico a primeira vez que a elle me apresento com um livro em mão.

Se em algum tempo o exercicio da profissão litteraria foi arduo e improbo, é certamente nestes tempos em que a vulgarisação das boas obras e os grandes nomes que surgem cada dia, vão, por assim dizer, seduzir a intelligencia em seu ocio e despertar no coração de todos o desejo de experimentar um gozo tão geral e tão apreciado.

Já se foi a época, como diz um escriptor de renome, em que o poeta referia-se ao *publico*; hoje fala ao *povo*.

A multiplicação dos meios de publicidade, que nestes ultimos cincoenta annos, ha tomado proporções assombrosas, o derramamento constante de idéas e de noticias sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos por meio dos jornaes e gazetas tanto politicas como litte-

rarias, tem tambem tornado a posição do homem de letras embaraçada e difficil.

A verdadeira illustração, o que se pôde com justiça classificar de erudição completa, é hoje uma utopia.

Para a apreciação justa de todas as producções que existem e apparecem todos os dias, quer dos genios augustos do passado, quer dos talentos distinctos da actualidade, falta o tempo physicamente fallando.

Os catalogos e introducções—Deus e os offendidos me perdoem—formam o complemento da maior parte das erudições que hoje se ostentam á luz publica, com certo desgarro que intimida e com certo ar de authoridade que imporia a um grande numero, se o senso commum não se fosse tornando verdadeiramente commum nos tempos d'hoje.

Se a fatuidade não me cega, creio poder dar esse facto por assentado e verdadeiro, sem que esse reconhecimento indique de minha parte menospreso pelas reputações formadas ou que se formam, sem que o publico tenha sido ou seja chamado á intimidade de seu saber e á legitimidade de seus titulos.

Se o consagro aqui, consagro-o de intenção por que eu mesmo, ignorante e inexperto que sou, já tenho tido occasião de recusar em meu espirito homenagem a certas *reputações panicas*, homenagem imposta a minha joven e desacautelada consciencia por uma tradição enganadora e falsaria.

Como já disse, actualmente saber tudo é impossivel

e saber muito é difficil. Já um escriptor antigo fizera este mesmo reconhecimento quando escreveu o seguinte:

« A nossa vida passa tão rapidamente que apenas basta para ter uma idéa dos excellentes livros com que varios philosophos enriqueceram o universo. »

E se essa difficuldade é hoje commum aos paizes mais illustrados da Europa, o que será entre nós, onde a educação popular está tão atrazada?

Ainda uma consideração que me parece de pezo e que eu recommendaria aos nossos estadistas, se eu podesse ter a pretensão de escrever para estadistas:

Apezar de toda a vantagem e de todos os beneficios que—eu sou o primeiro a reconhecê-lo—devemos á essa multiplicação dos meios de publicidade de que acima fallei, temos em nosso paiz um mal que tende a aggravar os embaraços que apontei e que serve quasi de contradicção a minhas primeiras linhas.

Esse mal é o seguinte:

A nossa imprensa jornalística, unica que haja tomado proporções de valor, não sei porque fatalidade ou antes não entro agora nessa questão, desvia-se visivelmente do verdadeiro fim de sua missão e em meu modo de entender, salvas as honrosas intenções e os nobres esforços ultimamente tentados, seus directores, em vez de prestarem um serviço real ao paiz chamando a si a direcção da illustração publica, iniciando o povo no segredo dos conhecimentos uteis, moraes ou industriaes, estão apenas embotando o gume de uma espada preciosa,

por isso que ha sido sempre a espada do progresso e da civilisação.

A nossa imprensa desenvolvida, todos o observamos e o lamentamos, tem-se resumido a um mercantilismo tal que a falta de seu empenho pelas questões moraes e politicas mais interessantes, tem quasi feito crer que sua missão principia e termina na publicação de annuncios.

A outra, a que podia facilitar ao povo os livros para sua instrução, essa nós sabemos quanto é pobre e mesquinha. Para seu estado de abatimento muitas causas concorrem. Mas a ausencia absoluta de população leitora, essa falta de interesse que se nota por tudo quanto se refere ás bellas lettras e artes, o deshbito da leitura que faz com que ninguem se apresse ou se afflija por comprar o livro annunçado ou conhecer a publicação feita, é em minha opinião a principal.

Se sem escriptores não póde haver editores, sem leitores, os primeiros são rãros e os segundos impossiveis.

Os que se entregam á profissão litteraria, os talentos propios para exercer essa missão, encontram-se mais facil senão unicamente na classe dos desherdados da fortuna e estes de certo que não pódem nem devem contar com o auxilio de subscrições, nem com o inesperado soccorro d'algum Mecenas occulto.

Do mal da falta de leitores nasce o mal da carestia das publicações, e destes dous reunidos é que provem

essa estagnação intellectual que observamos na massa geral da nação, essa especie de paralytia moral que entorpece as faculdades brilhantes que se revelam por todo o paiz.

Os livros que se buscam, custam caro e não é aos espiritos preocupados pela incerteza de seu destino e pelos embaraços de sua vida que se deve pedir producções de engenho e modelos de arte.

Poucos escrevem, portanto, poucos tem coragem para arriscar-se a esse pelago da indifferença publica, ao passo, que é o mesmo publico que, em falta de annuncios de obras litterarias, pergunta á mocidade o que faz de seu tempo e de seus estudos!

Accrescente-se a isto a existencia de certos individuos que se occupam em deprimir as reputações que se tentam formar, attribuindo á pretenção o que é trabalho, classificando de vaidade o que é estudo, e respondam depois as consciencias honestas se ha motivo para esse silencio sepulchral que reina!

E' o caso de repetir-se os versos do satyrico hespanhol:

*No hay vates! gritaran! en lastimero
Estado el teatro está!... Dime, los vates
Se mantienen de versos, majadero?*

*—O no hay mas que zurzir seis disparates
Para granjear aplauso? hacer escenas
Tan facil és como decir dislates?*

Ninguém supponha que exprimindo-me assim tento por minha voz levar o desanimo aos talentos que abundam em nossa juventude: com Daniel O'Connell jamais commetterei o crime de desesperar minha patria.

O que hoje faço com a minha penna de *pamphletista* é a continuação do empenho que sempre manifestei, quer no jornalismo desta côrte quando associado á redacção de uma das folhas diarias, quer no jornalismo da provincia, quando em alguns artigos propugnei pela conveniencia do estabelecimento de *bibliothecas municipaes* e pela necessidade de reformar-se e methodisar-se a instrucção publica do imperio.

E' no modo de nossa educação popular que me parece existir a origem desses vicios que aponto.

O funcionalismo é a carreira politica, eis os dous grandes respiradouros abertos á intelligencia nacional!

Bacharel em direito ou empregado publico, eis os grandes termos assignalados as aspirações da mocidade!

Fóra disso, o resto é obscuridade e angustias, luctas e dissabores, esquecimento e pobreza!

Da parte de nossos governos a mesma indifferença, o mesmo olvido! Nem uma medida protectora da litteratura, nem um concurso, nem uma subvenção, nem um auxilio! Nem ao menos uma lei que regulando o direito da propriedade litteraria e artistica, venha por sua influencia abrir aos talentos nacionaes um novo horisonte a suas ambições!

Tocando, porem, neste ponto e julgando reproduzir

por minha voz um sentimento geral, corre-me o dever de assignalar á gratidão dos homens de letras meus compatriotas os nomes de um desconhecido, e de um caro amigo que deputados á assembléa geral legislativa, um deixou a tribuna legando um projecto nesse sentido e outro estreou sua carreira parlamentar apresentando as bases de uma legislação a respeito. (*)

A' nossa mocidade falta sensivelmente um methodo de educação que de sação a prepare e predisponha aos conhecimentos da litteratura e ao gosto pelas producções artisticas.

Como diz um escriptor serio:—ninguem hoje estuda com methodo porque ninguem estuda para instruir-se. O que se busca na applicação, é um simples passatempo ou alguns conhecimentos de ostentação que possam cegar os ignorantes.

O capricho—eis o regulador da educação publica e particular! Natureza, genios, vocações, nada se consulta: seja doutor, depois pense no futuro; empregue-se quanto antes e pense depois na vida!

No entanto ide consultar os chronicons do velho tempo; percorrei a historia dos paizes modernos e dizei-me:

(*) O primeiro a que me refiro é o Sr. ex-deputado Aprigio Guimarães e o segundo o Dr. B. A. Gavião Peixoto, deputado pela provincia de S. Paulo.

A litteratura e as artes não tem sido as verdadeiras regeneradoras das sociedades?

As revoluções politicas, que tanto sangue tem deramado, desolado tantos monumentos, em seus gyros violentos tem por ventura trasido ás sociedades os beneficios e o credito que o desenvolvimento das lettras e das artes ganhavão para a Grecia, para a Italia, para a patria de Milton e para o berço de tantos genios que hão feito classificar a França, — o laboratorio do espirito universal?

Não, porque segundo a phrase de Guizot: — as revoluções litterarias são as unicas que se produzem sem catastrophes bruscas e sem abalos violentos.

Apresentem-se, pois, os talentos, surjam os inspirados; por sua voz e por seus escriptos façam conhecer ao governô, a tôdo o paiz que nós temos necessidade de litteratura, que ha precisão de outro ambiente alem deste commercial e industrioso de mais que nos circumda, que nos opprime e nos abafa a nós que nascemos com outra natureza, com outros instinctos, com outra sêde que não essa condemnada pelo pocta latino: *auri sacra fames!*

Uma vez conseguido esse grande recurso, não tenhaes receio de que a litteratura nacional não vingue, de que a nossa juventude adormeça no ocio vil que esterilisa as intelligencias e degrada a dignidade do homem que recebeu da Providencia a lei do trabalho como uma condição de nobreza.

Nós trabalharemos, as boas obras não de surgir e se nessa 'ebulição' intellectual os meus escriptos se encontrarem entre os ultimos, achar-me-hão na primeira fila dos applaudidores entusiastas das revelações que desponter.

Como Pedareto de Sparta terei muito prazer que em minha patria se encontrem muitos litteratos ácima de mim.

Apezar, porem, de tudo, o que me parece verdade é que o estigma lançado aos cultivadores das Bellas Lettras por um escriptor do seculo passado permanece e influe ainda em certos espiritos:

« Aquelle que se inculca no mundo, diz elle, por homem de Bellas Lettras e mais nada, não pode deixar de representar um máo personagem. As Bellas Lettras alguma cousa tem de bom para qualquer chegar a alguma cousa melhor; mas aquelle que nellas pára, emprega seu espirito no conhecimento de cousas futeis que nunca satisfazem. »

Nutro, porém; a lisongeira convicção de que esse ferrete de futilidade assim impresso na face de composições engenhosas do espirito, que no elevado dizer de um jurisconsulto nacional (*) *são muitas vezes filhas de laboriosos esforços e productivas de grandiosos resultados*, será apagado e nenhum desanimo encontrará nelle a desculpa de sua fraqueza.

(*) O Sr. Pimenta Bueno

Passando, deste ponto a um que acima fica exposto, julgo dever produzir aqui uma especie de profissão de fé litteraria.

O estudo do passado, não para servir de modelo mas para servir de base á explanação das idéas modernas, é em minha opinião a fonte mais pura onde a mocidade deve ir beber suas inspirações.

Exceptuando a industria e certas sciencias que hão marchado para o futuro a passos de conquista, quer em sciencia, quer em litteratura ou artes, é nas arrojadas concepções dos genios da antiguidade que, segundo entendo, repousam os germens de todas as produções que presentemente nos assombram e onde se encontram estabelecidas todas as theses principaes, com cuja demonstração hoje tão satisfeitos e encantados ficamos.

Com esta convicção não me furto nem evitarei jamais toda a occasião de me dirigir ao que se chama antigo reservatorio, bem que, como já confessei, a profissão da litteratura em nosso paiz, a ninguem acena, a bem poucos convida.

Se depois disto houver quem me pergunte porque razão reconhecendo eu isso me atiro tão arrojadamente a entestar com difficuldades e tropeços tão desanimadores responderei com *Antony*: é o destino que me impelle.

Apresentando-me com meu livro, não nego por que negal-o seria imbecilidade, tenho uma pretensão.

Bato á porta de nossa litteratura nacional; se os competentes acharem nelle alguma recommendação que authorise minha entrada, dar-me-hei por feliz com essa conquista; se o contrario acontecer, nem por isso desanimarei e irei pedir ao estudo habilitações que me faltam e que melhor me resguardem n'uma segunda tentativa.

Offereço-o ao amigo a quem o consagro e a todo o publico como um documento de trabalho e não como uma fatua ostentação de vaidade.

Aquelles que acharem dispensavel o cultivo das lettras remettel-os-hei para as seguintes expressões de Moratin;

« Os progressos da litteratura interessam muito ao poder, á gloria e á conservação dos imperios. »

E aos que depois de todas as minhas desculpas entenderem ainda dever censurar-me responderei com Yriarte:

*Quien haga aplicaciones
Con su pan se lo coma.*

LANCE D'OLHOS

SOBRE

A COMEDIA E SUA CRITICA.

I.

A critica, diz um escriptor dramatico, é uma arte difficil e que só deve ser exercida por pessoas habéis.

Esta maxima por si só bastaria para demover-me do intento de a exercer sobre a comedia e sua critica, se por ventura a consciencia e o desejo de prestar algum serviço á causa litteraria de meu paiz, que com magoa vejo abatida e desdenhada, não fossem mais fortes do que o recio de comprometter-me e incorrer na dicacidade desses que, na impossibilidade de fazerem alguma cousa, occupam-se em desfazer e deturpar aquillo que os outros fazem.

Nada tranquilisa mais o espirito do que a boa fé na modestia, e é facil sermos corajosos, quando sabemos immolar com prazer nossa personalidade a uma missão mais alta e cara que nós mesmos: é George Sand quem o diz.

Ninguem portanto me acoime de audacioso por emprender uma tarefa superior á minhas forças, como o reconheço; que outros realizariam melhor,

mas que me parece ter ao menos o merito de uma revelação que não é inutil em nossos tempos: — o trabalho.

Não faço talvez mais do que dizer mal aquillo que competentes o diriam bem: mas, *falar* em uma terra de mudos parece-me sempre não pequena vantagem, não pequeno direito.... a ser ouvido, ao menos.

Assim pois, desejo apenas que este escripto seja acceito na verdadeira intenção, com que foi feito, isto é; como a expressão conscienciosa de um juizo particular que não póde ter em seu favor, desgraçadamente, nem o prestigio da autoridade, nem a imponencia da illustração, nem a gravidade e a certeza de uma opinião segura, baseada nos principios, que a logica do espirito nos indica para a apreciação severa e recta das conveniencias, bellezas ou defeitos de uma obra qualquer.

A concordancia na difficuldade da missão, que me imponho, é facil, como deve ser — o tambem o conhecimento de que mais difficil se torna ella quando, como aqui acontece, se propõe e limita unicamente ao estudo da especialidade que vou tentar desenvolver.

A quem já uma vez coube essa missão pesada de constituir-se o juiz dos escriptos ou dos actos alheios, é grato recordar no socego de sua obscuridade as provanças por que passou. Para alguns, porém, ellas não passam jámais.

Eu não a conhecia, essa existencia ingrata; pressenti-a comtudo.

Quando chamado ao desempenho de uma obrigação desse genero, foi a custo que deixei de ouvir a inspiração prophetica de meus pressentimentos e ainda no momento de encetar a missão, possuido de uma esperança falsa e lisongeira, se o coração embalou-se com ella, a penna do folhetinista foi espontaneamente traçando as linhas que se vão ler e que aqui transcrevo como o documento de um revez soffrido e como um annuncio a todos quantos tentem seguir a mesma senda.

Ellas não tem nem podem ter outra significação.

Refirindo-se principalmente ás individualidades artisticas dos theatros, *mutatis mutandis* teem uma applicação absoluta a tudo quanto pôde ser chamado á censura litteraria.

II.

A critica é difficil, reproduzi-o acima e accrescento, é uma arte cujo exercicio é doloroso e cruel.

Os descontentes e os offendidos contam-se pelos louvores e pelas censuras que se fazem.

Os primeiros por nunca se julgarem bastante louvados; os segundos por sempre se julgarem superiores ás censuras feitas.

No theatro da vida moderna ao critico pertence o papel do *côro* no velho theatro grego.

Reflectir, aconselhar, animar, louvar ou censurar, eis seu papel.

A razão, porém, de sua difficuldade é comprehensivel e justa.

Com effeito, assistir como espectador aos successos da vida, presenciar todos os dias o spectaculo do desenvolvimento social, collocar-se um individuo no cimo de sua consciencia, como o Antigono da fabula no cimo de sua torre, e ver passar por diante de si, como em uma eterna desfilada, as cousas e os homens, os principios e os factos, o sabio ao lado do imbecil, a virtude a par do vicio, a grandeza junto á miseria, a pompa que acompanha o triumpho proxima á pompa que acompanha o seretro; ver tudo isso encontrar-se, separar-se, tornar-se a tocar, e marchar sempre, e succeder-se alternadamente, a verdade e o erro, a lealdade e a traição, a luz e a sombra, a vida e a morte; ana-

lysal-os um por um, destinar a cada qual o seu logar, a sua importancia, o seu papel, a sua missão, procurar identificar-se com os efeitos depois de se haver identificado com as causas; passal-os todos em resenha perante a critica de sua razão, como elles lhe passáram pela vista dos olhos, agora um livro, logo um individuo, hoje uma acção qualquer, amanha uma outra; finalmente aprecial-os estudal-os, julgal-os, tudo isso com independencia mas com criterio, com severidade mas com delicadeza, com imparcialidade e justiça, sem prevenção nem prejuizos; recolher-se em si mesmo, interrogar mudamente sua consciencia, compulsar suas proprias impressões, não pedir conselho senão a seu proprio espirito, á razão, ao seu estudo, e depois lavar seu juizo, sua sentença, alheio a interesses e affeições, reagindo muitas vezes contra si mesmo, suffocando hoje um sentimento que o lisongêa, amanha immolando no altar de sua justiça algum affecto, alguma parcella de seu proprio coração,—tal é o dever, tal é a missão do critico!

Papel difficil na verdade! em cujo desempenho muitas vezes, poeta singular e excentrico, tem de quebrar uma corda que lhe é cara, só para que seu som, comquanto bello e agradavel, não discorde e desafine do todo harmonico da peça que se propõe executar!

Resumi agora. Chamai um individuo qualquer, á mim por exemplo, dai-lhe a obrigação de criticar os nossos espectaculos, de narrar com fidelidade e exactidão a

historia de nosso theatro, de marear os seus progressos, de notar os seus defeitos, de ser enfim a chronica imparcial e severa dos successos de nossa litteratura dramatica, tão pobre, tão mesquinha, eizei-lhe—vós nos dareis o resultado escripto de vossas observações, vós nos direis, á luz do dia e dos homens, a vossa opinião franca e sincera sobre os dramas, sobre os artistas, sobre o theatro, e juntai a isso todas as adherencias do cargo que lhe impondes, o amor proprio dos escriptores, a susceptibilidade dos artistas, as queixas dos empresarios, as reclamações do publico e a implacabilidade dos leitores que lhe apparecerem, e tereis dado a esse homem um dos mais difficeis de todos os papeis, um dos mais pesados de todos os encargos, collocal-o-eis na alternativa de uma luta constante consigo mesmo e com todos, até reduzil-o á extremidade inevitavel e perigosa para toda intelligencia laboriosa e para todo o coração sensivel, para todo o homem imparcial, honesto e independente, de ver-se forçado a bater-se contra si mesmo ou contra todos.

Entre nós, então, onde a arte jaz ainda enfaixada pelo cinturão da infancia, onde o theatro ainda não é nenhuma instituição, nenhuma escola, onde o espectáculo não serve ainda de elemento de ensino, onde o artista não é ainda a expressão elevada, intelligente e brilhante de uma profissão ardua, difficil, honesta e trabalhosa, onde ainda não se apresenta como o symbolo de uma religião, a religião da arte, senão tão pura, ao menos

tão elevada, productiva e santa como a religião da Divindade, nem como o representante de uma grande idéa, de um sublime pensamento civilizador, nem como o verbo de uma crença acrysolada no soffrimento, na injuria, no esquecimento, no martyrio enfim, porque a arte como religião tem tido os seus sacrificios, as suas penas, as suas immolações, oh! entre nós especialmente é que essa missão da intelligencia na critica severa e razoada dos actos dessa sociedade á parte, dessa classe separada injusta e infelizmente de todas as outras, desse mundo tão variado, tão cheio de vida e de agitação, de miserias e de pezares, de sorrisos ás vezes, de lagrimas quasi sempre, é entre nós que essa missão se faz sentir pelo seu peso, por sua responsabilidade!

E no entanto, ides rir; é o proprio individuo que vos confessa essa difficuldade da critica, que vos patentêa tão singelamente essa convicção de sua alma, quem se impõe a si mesmo esse fardo, quem se reveste das armas de cavalleiro para vir bater-se em um campo onde conta certa a derrota. Confiado em que? Em abroquelar-se talvez na fragil armadura de um nome obscuro e desconhecido.

Voz perdida em meio de tantas vozes mais altas e mais sonoras, clamarei tambem no deserto, lançarei a minha pobre semente entre as fendas incultas das rochas, já que o terreno se mostra ingrato e enfesado para todas as producções da intelligencia e do estudo.

Chamarei por essa aurora annunciada pelos sonhos

de tantos inspirados, esperarei como um Israelita da arte pelo Messias, que com um sopro venha infundir a animação e a vida a esse cadaver que ahi dorme sepultado ainda na indiferença.

Mas antes que surja essa aurora, antes que appareça esse Messias, vamos nós, os homens do soffrer presente e da esperança futura, impetrando o milagre de um novo Christo que solevante a um aceno seu ao Lazaro dormido no gèlo da sepultura.

Esperemos, sim: esperar é a vida; alonguemos a vista pelo horisonte do porvir á porfia de quem primeiro annuncie o primeiro raio desse sol que ainda ha de raiar, desse progresso de que ainda gozaremos e que alguém até em seus sonhos acordados julga descortinar, desde já, rebentando das larvas que se conservam por ora mudas e immoveis!

Oh! o progresso, quereis que vos diga o que é o progresso entre nós em materia de arte? E' a evocação do passado, é a recordação gloriosa de algumas noites de febre, em que o genio da inspiração veiu crisar em uma convulsão sublime os nervos contrahidos dessas estatuas pallidas que nos representam hoje a gloria do nosso palco.

Essas eram as palavras que espontaneamente me cahiam da penna.

Essas são as mesmas que devo aqui escrever, porque atormenta-me ainda a convicção de que por muito

tempo em meu paiz será difficil de manter-se a posição do homem de imprensa na integridade de sua independencia como eu a entendo.

Entremos, porém, no objecto de nosso opusculo.

III.

O theatro, tal como o ha comprehendido e classificado a litteratura moderna, conta tres grandes divisões, tres differentes meios de communicação com o publico, que eu tomarei a liberdade de denominar tres diversos modos ou estylos de exprimir-se, por meio de cada um dos quaes estabelece essa relação intima e magnetica entre o proscenio e a plateia, entre o espectaculo e o espectador, entre o publico, que fala e o publico que ouve, entre o povo que representa e o povo que vê representar.

E' por meio de cada um delles que o theatro assegura o triumpho de sua soberania no espirito do publico, que por sua vez lhe patenteia tambem, por meio de sua attenção e interesse, o triumpho da soberania de seu bom gosto, que não é mais do que o seu bom senso fortalecido e elevado pela reflexão, segundo a phrase de um critico eminente, isto é, por essa philosophia severa e irresistivel, que a alma humana costuma applicar a todos os objectos, que cahem sob seu dominio, quer ella se refira ás operações naturaes da intelligencia e da razão, quer se refira aos sentimentos e ás emoções, que podem despertar ou ferir as mais delicadas fibras do coração.

Essas tres grandes divisões, esses tres differentes modos ou estylos, são: a tragedia, o drama e a comedia.

A primeira, que ainda se abraça aos grandes tempos da epopéa de Homero, a essas épocas gigantescas e formidandas, em que todas as creações eram arrojadas como a propria audacia, em que os depes pintados peló grande epico tinham cem covados de altura e faziam o gyro do mundo em quatro passos!

O segundo, que viu um dia a Shakespeare mas que o perdeu depois de vista, emaranhando-se no torvelinho das innovações e sahindo de cada uma dellas differente ou *regenerado*, segundo a phrase sophistica dos iniciadores de suas reformas.

A terceira, que recorda a aurora de uma revolução litteraria durante o reinado despotico de um colossal soberano.

A tragedia, que descreve o grandioso, que se cerca de pompas, que impõe pela magnificencia de seu motivo, de sua acção, de suas personagens, de sua decoraçào e de seu estylo;

O drama, que pinta a vida em sua verdade, que descreve a realidade em sua poesia, que se insinua na attenção do espectador ou do leitor pelo interesse de seu entrecho, pelo movimento de suas paixões, pela simplicidade de suas descripções e pela naturalidade de suas personagens e de seus discursos;

A comedia, que tem por missão corrigir os costumes da sociedade pela critica moralisada de seus defeitos, pela *ridicularisação* sentenciosa de seus vicios, e que se distingue principalmente pela facilidade de

sua comprehensão, pela ligeireza de seu estylo, pelo frisante de suas sentenças, pela elevação de sua ideia e sobretudo pela nobreza de seu fim.

De todos os generos dramaticos o mais difficil, segundo minha opinião, é incontestavelmente a comedia.

Nenhum tem sido talvez mais explorado com menos successo, nenhum é ainda hoje julgado com mais leviandade e desfavor, dando assim logar ao profundo conselho de um escriptor distincto, quando diz que é já tempo de cuidar-se seriamente, de meditar-se com severidade sobre a arte profunda, que preside e ha presidido á criação dessas obras sabias, que o vulgo, entretanto, julga escriptas sem esforço e sem trabalho.

Nenhum outro tem sido mais violado, mais esquecido em seus preceitos, mais ignorado em seus principios, mais abusado em seus meios, mais corrompido em seus fins.

Nenhum, porém, em compensação tem tido um papel mais distincto, uma missão mais nobre, uma influencia mais decidida no espirito das diferentes epochas por que tem passado, um representante, enfim, mais digno, mais habil, consciencioso e profundo, porque fallar-se da comedia é fallar-se de Molière e Molière é para o theatro o que Platão foi para a philosophia.

Falemos pois della.

IV.

Felizmente para nós, em honra de nosso seculo e de nossa civilização, já vão longe no passado esses tempos de nefasta recordação para o theatro, em que as comedias eram satyras do dia, livretes ignominiosos e vingativos do momento, em que os nomes, as pessoas, as familias e os costumes dos cidadãos da grande republica, dessa Athenas de tantas recordações gloriosas, eram arrastados no palco e atirados ao motejo insultador, ao escarneo e á impudente hilaridade das turbas desvairadas, que applaudiam essa aberração monstruosa dos preceitos da arte dramatica, unicamente para saciarem o prazer de um momento e darem pasto aos seus instinctos corrompidos pelas condições peculiares de sua civilização e de seu tempo.

Tocando neste ponto é para mim um grato dever saudar daqui a 2192 annos de distancia, com effusão e respeito, a esse grande regenerador do theatro grego, a quem seus contemporaneos chamáram o principe da cómedia, esse Menandro tão chorado pela litteratura moderna e cujos escriptos só nos são conhecidos por essa tradição falsificada embora, mas assim mesmo importante que nos legáram seus imitadores e plágia-rios. (*)

(*) Dos escriptos de Menandro apenas existem fragmentos mais ou menos interessantes.

Hoje o povo e os litteratos simultaneamente hão comprehendido, que o theatro não é só uma casa de espectaculos, mas uma escola de ensino; que seu fim não é só divertir e amenisar o espirito, mas, pelo exemplo de suas lições, educar e moralizar a alma do publico; e o que tivesse nos dias presentes a extravagante idéa de querer ressuscitar no theatro essas diatribes atrabiliarias de uma consciencia gasta e impura seria com razão repellido da scena pelo consenso soberano das turbas e seu nome entregue ao desprezo.

Por mais opiniões, que tenho lido em contrario, resta-me ainda a convicção de que o theatro é definitivamente uma escola, onde o povo, conforme o genero dos espectaculos que lhe for offerecido, pôde adquirir ou bons ou máos costumes, proficuas ou daninosas lições.

Litteratos distinctos, entre os quaes só um citarei, teem, é verdade, julgado o theatro fóra das condições necessarias para o desenvolvimento da instrucção moral do povo; mas apesar disso, para apoiarem seu modo de entender, teem todos reccorrido a argumentos tirados não da organisação do theatro mas das condições peculiares do homem.

O celebre Figaro, D. Mariano Larra, uma das mais vastas intelligencias que tem tido a Hespanha e um de seus mais fortes e profundos espiritos, compartilha essa opinião, entende tambem que o theatro não corrige costumes nem desterra vicios, e que o homem sahe do espectaculo tal como nelle entrou. Não porque o

theatro seja impotente para essa operação grandiosa, mas porque, segundo elle, *el hombre es animal de poco escarmiento*.

O theatro pois, em sua opinião, nem corrige, nem perverte, nem é tão bom, como o pintam seus amigos, nem tão máo, como o querem seus adversarios.

Seja porê m como for, o que se não póde contestar, porque é patente a todos os olhos e sensível a todos os corações; é que o theatro exerce uma grande e decidida influencia no espirito do povo.

Sendo de todas as formulas da litteratura a mais vigorosa e efficaz, porque é a que apresenta ao homem o espectaculo vivo de suas proprias impressões, sentidas e manifestadas, taes como elle *sente* que as sentiria e manifestaria nas mesmas circumstancias, sua insinuação é a mais facil, a mais immediata, porque não são os meios sobrenaturaes que actuam em seu espirito, mas sim os órgãos proprios da natureza, são os olhos que choram, são os labios que pronunciam, é a voz que accentúa e entoas as impressões da alma, é emfim o homem que fala ao homem, são os sentidos que falam aos sentidos.

Por isso entendo que toda a vez que uma obra dramatica qualquer não encerre uma lição instructiva, um ensino proveitoso, um fim moral, devemos negar-lhe o logar, que pretenda na historia da litteratura.

A litteratura, apresso-me a dizel-o, é tambem uma instituição, e como todas as instituições deve dirigir-se

por meio de seus recursos a preencher o fim utilitário, que a sociedade tem o direito de exigir de todos os princípios e elementos, que entram e fazem parte integrante de sua organização moral, e que devem, por consequencia, concorrer por sua vez para o grandioso fim da perfectibilidade humana, que é o alvo a que miram todas as sociedades modernas e que deve ser procurado á custa de todos os sacrificios, porque ao menos o exercicio dessa operação produz o bello effeito de activar e desenvolver as faculdades do espirito ao mesmo tempo, que abranda e christianiza, por assim dizer, os sentimentos do coração humano.

Voltemos porém á comedia.

Tragedia, drama ou comedia não concebo nenhuma obra dramatica, que se possa eximir a esta lei geral da moralidade, indispensavel a seus meios e a seus fins.

O theatro é e deve ser sempre a expressão da sociedade, sem que nem a sociedade nem o theatro se limitem, como o tem pretendido alguns, este a reflectir e comprehender absolutamente toda a sociedade, e esta a receber constantemente do theatro a sua reflexão, contemplando-se a todo o instante, nem mais nem menos do que como o fizera uma vaidosa elegante, que se não afastasse um momento do espelho, que lhe reproduzisse a imagem.

Não; a este respeito estou de perfeito accordo com o distincto dramaturgo portuguez, quando entende que nem o theatro reflecte absolutamente toda a sociedade, porque não pôde comprehendel-a toda, nem a sociedade dedica-se exclusivamente ao theatro, porque tem mais em que se occupe. Mas que nem uma nem outra podem dispensar-se, porque é na sociedade que o theatro vai buscar seus typos e é no theatro que a sociedade vai ver a reproducção de uma parte de seu todo, consideral-o, comparal-o, aproveitall-o em seu desenvolvimento e perfeição.

A' comedia, pois, pertencendo a mais melindrosa parte nessa cruzada instructiva e moralizadora que o theatro deve fortalecer e fazer progredir, é ella, por

isso mesmo, a mais difficil, a mais ardua e espinhosa, a mais importante, finalmente, por sua immensa responsabilidade, por seu grandioso fim.

E não só por seu fim mas tambem por seus meios, pelo modo de promover-se, pelo estylo porque se deve exprimir; não só pela idéa que deve encerrar mas tambem pela fôrma por que deve produzir-se.

Sendo ella destinada a instruir divertindo, sendo por sua própria natureza de todas as formulas dramaticas a mais simples, a mais popular, deve por consciencia fallar de modo que seja facilmente comprehendida, deve dirigir-se á intelligencia do publico, tão simples em sua dicção quanto profunda em sua moralidade, de sorte que se insinue facilmente por seu espirito, que se introduza sem esforço em sua consciencia, para ahi deixar implantada a semente instructiva que lhe deve offerter e cuja germinação deve fazer todo o seu fim, todo o interesse de seu effeito.

Infelizmente não me é licito ignorar que houve um tempo e alguns poetas que, sacrificando o pensamento dessas composições ao effeito sensivel de suas scenas, que, despresando a idéa pela fôrma, anarchisáram, corromperam e quasi que nulificáram totalmente esse interessante genero da litteratura dramatica.

Sei que alguns, outr'ora e talvez que ainda hoje, julgam que o fim da comedia é unicamente divertir, que a excitação do riso é o seu unico fim, que a distracção de algumas horas produzida pela combinação

engenhosa de algumas scenas ridiculas, ónde se debatem o caracter com suas imperfeições e o individuo com seus defeitos e vicios, fórma todo o interesse das peças desse genero.

E, quanto a mim, é dahi donde vem que muitos substituem á philosophia e ao estudo que se deve applicar e fazer sobre o caracter de uma sociedade ou sobre as feições de um individuo, o comico das scenas, o ridiculo de alguns personagens, o faceto de certas situações, o chistoso de alguns trocadilhos de máo gosto, quando felizmente não se avançam a certas obscenidades e expressões ambigvas, que deshonram o espirito de quem as compoz e offendem e revoltam os ouvidos e o pudor da platéa.

Mas isso, ufanemo-nos, não tem sido mais do que a aberração de certos principios invariaveis que regem a arte dramatica e cujo effeito de momento já foi de uma vez para sempre sepultado no desprezo, arrastando comsigo o nome desses violadores indiscretos ou mal intencionados da legislação eminentemente philosophica e moral que impera sobre os dominios da arte.

O engraçado, o faceto, o comico será um meio indispensavel á fórma dessas composições, mas nunca resumirá em si a grandeza de seu fim.

O ridiculo póde agradar por momentos, póde mesmo chegar a conquistar a popularidade de um instante, enquanto seu effeito actua sobre o espirito do publico; mas não poderá jámais fortificar-se em sua lembrança,

ha de por força desaparecer tão breve como o riso que promove, ha de por força morrer desde o instante em que o espectador volte as costas ao proscenio do theatro.

O que fica, o que se grava indelevelmente na alma do povo é aquillo que lhe chama a reflexão ou que lhe promove o affecto, aquillo que lhe fala á razão ou ao sentimento, aquillo que é philosophico, que é moral e que deve occupar todo o empenho do poeta, para que sua missão não seja illudida e para que seu nome seja inscripto com louvor e com respeito no livro das glorias de sua patria, na sympathia de seus contemporaneos e na recordação da posteridade, que é um premio cujo valor não se pôde estimar exactamente.

Desse vicio de que acima falei, desse falso modo de entender a comedia é que nasceu essa porção monstruosa de defeitos que se lhe accumuláram, que concorrêram para seu descredito e que quasi nullificáram para sempre os bons serviços que ella é chamada a prestar a sociedade.

Longo e fastidioso fôra acompanhar a comedia por todas as phases e transicções por que passou até quasi esperecer de todo, não só á mingua de publico que a supportasse mas principalmente á falta de inspiração, á falta de recursos que podessem eleva-la ainda ao alto fastigio de seu antigo poder.

Generosas tentativas appareceram então com o fito eminentemente nobre de promover uma reforma que

melhorasse as condições ruinosas em que se achava o theatro quanto a essa especialidade; ellas porém ficaram ou desconhecidas ou mal vistas, já por falta de talento dos que as iniciáram, já porque a época não se achava ainda preparada para a iniciação dessas reformas.

Alguns, illudidos com o proprio perigo que desejavam conjurar, concluindo da má apparencia da cousa a corrupção de seu fundo, de sua natureza, entenderam que era não só necessario abrir-se um novo curso a novas idéas como adaptar novas fórmas para os novos pensamentos. Neste intuito deu-se o primeiro passo, fez-se a primeira tentativa de um novo genero, hoje o genero da época porque passamos, denominada não sei com que fundamento comedia-drama; tentativa essa que, bem ao contrario da actualidade, deixou seus iniciadores no abandono de seu presente e no esquecimento da posteridade.

Era pois necessario dar-se um passo decisivo no dominio do theatro, era necessario provar-se a toda luz que a comedia não era, nem a satyra como a suppozeram uns, nem a farça como comprehenderam outros.

Uma revolução tornou-se inevitavel, fazendo ao mesmo tempo indispensavel o apparecimento de um homem que tivesse bastante coragem e genio para inniciar uma tão grande reforma, que fosse bastante forte para oppor-se á corrente impetuosa da falsa opinião de seus tempos, e que, ajudado pelas circumstancias felizes do desenvolvimento da civilisação que marchava

a passos agigantados, podesse affoitamente falar ás multidões, evocal-as ao verdadeiro sentimento da arte, desmentir alto e bom som ao antigo Aristophanes e gravar fundamente no espirito de sua época o pensamento de sua innovação.

Esse homem não faltou, porque as necessidades do progresso do mundo nunca encontráram a providencia surda aos seus clamores, — *Molière surgio!*

VI.

Aqui começa o mais brilhante periodo da comedia, com cuja descripção pouco fatigarei aos leitores, porisso que, melhor do que eu talvez, apreciam e avaliam sua importancia e os beneficios prestados á causa do theatro e da civilisação.

Toda uma época, todo um reinado, uma sociedade inteira, revestida da dupla magestade, da illustração das idéas e da corrupção dos costumes, foi asoberbada, vencida, retalhada e sujeita por um só homem, popular de todos os titulos, por seu nascimento, por sua condição e por seu genio, como a mais energica demonstração desse principio eminentemente philosophico de que as revoluções do espirito humano, essas, que trazem consigo o sello do providencialismo e da necessidade, para vingarem e fructificarem, devem partir de *baixo* e não de *cima*, aïm de que a innovação civilisadora e progressista se erija radiante da cabeça do povo como a estatua do cimo do pedestal.

Molière é a expressão mais verdadeira e conscienciosa da comedia, porque, ao contrario de seus cóevos, não se acastellou dentro dos estreitos limites da realidade da vida.

Não, com suas azas de genio alou-se della por meio da invenção, armado da philosophia sondou com o escarpello de seu grande espirito todas as posições, todos os caracteres, todas as inclinações, todos os vicios

e defeitos da sociedade, para, depois de haver desflorado com a ponta de suas penas todos esses pontos salientes da humanidade, depois de haver tocado com seus dedos de mestre em todos esses polypos da natureza humana, remontar-se até a verdade, até a definição succinta e clara dos sentimentos do coração.

Não foi buscar o individuo em suas relações contingentes para consigo mesmo ou para com seus semelhantes, não lhe marcou um só papel, não o circumscreveu nos limites do acanhado circulo de sua individualidade social, não; foi estudar o homem em si mesmo, discriminou-lhe todas as suas partes, dividiu-o em todos os sentidos, em todos os modos por que elle se revela em sua existencia, prescuto-lhe o character em todos os seus segredos, a consciencia em seus mais intimos refohos; e depois de havel-o assim estudado e aprofundado vestio-o com aquellas côres fixas e adaptadas que seu sublime engenho soube combinar com tanta felicidade e de que a sua divina palheta nunca se achou dessortida.

Comprehendeu que o individuo por si só não bastava, que por mais rica e profusa que fosse sua individualidade ficaria sempre restricto, acanhado, mais um typo local e de época do que um principio de instrucção e moralidade, invariavel e universal.

Por isso deixou-o para só apresentar o homem, o homem em sua natureza, sempre a mesma no fundo, se bem que variada na forma,

Esqueceu o individuo que poderia ser de grande

effeito na sua actualidade, na sua vida de então, para apresentar o homem sob todos os aspectos possíveis, contemporaneo de todas as épocas, de todas as civilizações, de todos os povos, de toda sociedade, da vida de sempre!

Era na verdade um genio esse homem superior e agigantado que, apesar dos preconceitos de seu tempo e de seu mundo, arrancava dos proprios labios de Fénélon esta confissão singela, que basta tão só para sua gloria:—*Encore une fois je le trouve grand!*

E certamente o era, elle que assombrou sua geração quando lhe provou a toda a exuberancia que tinha tanto espirito e profundesa como o seu collega reformista Pascal, o *pamphletista* philosopho.

Esse foi o segredo de sua força, esse é ainda hoje o mysterio de sua gloria immortal! •

Deixemos pois aqui esse astro esplendido do céu da litteratura ainda todo envolto no largo manto de sua luz gloriosa. Deixemo-lo, mas deixemo-lo com saudade, porque com elle ficam as tradições gloriosas de uma época inteira, porque o genio guarda comsigo toda força, toda a vitalidade de sua brilhante criação.

Ao influxo benefico de seu almo calor aviventaram-se e cresceram outras plantas; e se a algum theatro estrangeiro coubesse o direito de reclamar para si as cinzas do grande homem, nenhum podéra ser preferido ao theatro hespanhol, onde os raios de sua luz se projectaram em mais vasto espaço.

Mas Molière não foi só o iniciador de uma grande reforma litteraria, foi ainda mais, o grande reformador de uma politica.

Suas obras não se reproduziram só no theatro, penetraram nos palacios, na igreja, açuláram contra elle a soberba dos grandes e o orgulho dos dominadores da época, elevando-o assim até a altura de uma luta estu- penda, em que tres soberanos se batêram com força igual e identico prestigio, o rei do estado, o rei da igreja, e o rei do theatro: Luiz XIV, Bossuet e Molière.

A victoria não foi immediata mas o triumpho foi seguro; elle ficou, como o devia ser, do lado de Molière; menos do lado deste que da civilisação, do povo, do principio da liberdade, que como o sol bem pôde ser escurecido por nuvens, mas que afinal com seus raios espancará os nevoeiros que lhe empanam o brilho.

Semelhante a um rio caudaloso, despenhou-se numa noite de sua origem, alagou e fecundou com suas aguas todas as margens que percorreu, levou de vencida e de atropello todos os troncos, todas as barreiras que lhe quizeram empecer a marcha; mas tambem numa outra noite a impetuosa torrente voltou sobre si mesma, reverteu seu curso, e, remontando á sua mysteriosa fonte, foi lançar-se nesse grande mar a que chamamos o seio de Deus!

Nem mais exemplos irei buscar, Nem se faz preciso irmos pedir aos theatros da Peninsula e da Italia o segredo de seus grandes poetas comicos.

A comedia estudada na França offerece tudo quanto se possa indagar a tal respeito.

Vejamos porém o que nos ficou; vejamos o valor da herança que uma tradição infiel abastardou e corrompeu.

E' doloroso, mais é força confessal-o: — a comedia morreu com Molière. E' bem como o disse um seu critico eminente: — Elle abriu e fechou uma carreira; não teve antecessores nem terá sucessores.

VII.

Chegou, porém, o periodo da transição, periodo preparado por dous reinados successivos, marcados ambos com o seu sello particular.

O primeiro faz-se e morre n'um palacio.

O segundo nelle nasce, mas morre á luz de muitos seculos.

Aquelle teve por theatro de suas *glorias* a camara escandalosa de um rei devasso, historiado apenas de pequenas intrigas de cortezãos, e só de leve ás vezes interrompido ou perturbado pelo murmurar gracioso de alguma declaração de amor ou pela queixa humilde de alguma cortezã preferida.

Este teve per campo de sua luta um grande paiz, sua acção passou-se toda ou nos comicios da nação ou na praça publica, sob a impressão horrorosa das proscricções, ao som das fuziladas das ruas.

Ambos, porém, concorrem sem o saberem e sem o intencionarem para o movimento revolucionario do grande periodo que se vai abrir!

Tudo se muda!

Não é só o theatro que soffre uma transformação, não é só a litteratura que entra em uma nova phase, é a mesma sociedade que se abala em seus fundamentos, é o mundo inteiro que se revolve, que se agita, são todos os povos da terra que recebem a impulsão de um choque violento partido de um centro luminoso

que os impelle para diante, para o progresso, para o futuro, como as rodas do carro da civilisação.

E com elles, é escusado dizel-o, todos os principios, todos os elementos, todas as causas enfim! E' como que um novo mundo que se descobre!

Os horizontes como que se alargam; esse choque violento é uma grande revolução, e as revoluções são claros que se abrem na historia do mundo, são abysmos insondaveis que se rasgam para marcar a separação entre as épocas que se afundam e as que surgem, para abrir a distancia que se deve interpór entre as sociedades que se abatem e as que se formam, entre a civilisação que cahe e a civilisação que se levanta.

Só uma cousa semelhante a um vasto oceano se estende e alarga por sobre todos estes elementos em ruina.

Só um grande vulto se apresenta, que vem do passado, galga o abysmo, faz-se presente, e alonga-se pelo futuro; é o povo, e com elle a litteratura, porque esta, como já o disse alguém, sobrenada sempre.

E é essa a sua força: é por isso que jámais morrerá.

Sempre sobreposta ás sociedades, fluctuando, por assim dizer, sobre o mar dos successos que se apresentam, sempre variados e novos, na vida das nações, acompanha seu movimento, segue a mesma lei no seu destino, varia como suas circumstancias, modifica-se em sua fôrma, ficando a mesma no fundo, tal qual como espirito humano que, através de todas as evoluções

de seu desenvolvimento, conserva sempre a mesma força, a mesma luz, porque tanto uma como outra são partilhas celestes a elle transmittidas pela Divindade.

Assim como os rios desviados de seu curso, transportados de sua primeira posição, e lançados por um poder invisível em uma nova situação, procuram e acompanham o declive que encontram para ahi então assentarem seu leito; assim também a litteratura, que é o povo, que é o grande rio de idéas, transposto pelas revoluções de uma época a outra, procura identificar-se com a nova natureza que encontra, acompanha a fórma do novo terreno em que se acha, e continúa seu curso reflectindo, não já as antigas ribas que percorria, mas outras inteiramente diferentes, de uma conformação toda estranha, para representar sempre a face verdadeira da situação que atravessa, para representar com exactidão o character da nova sociedade em que se acha, afim de não mentir á lei de sua criação, não illudir o destino que lhe coube.

Ella não desapparece nunca, transforma-se; não morre, muda apenas de configuração.

VIII.

E' para notar essa differença, para fazer bem sensivel a mudança que com a transformação dos tempos se operou no theatro, que toco neste ponto.

O theatro acompanha sempre o movimento politico das sociedades. Da boa administração destas, depende seu desenvolvimento.

E, — singular aproximação dos genios, — é quasi sempre á época dos grandes homens de estado que corresponde a época dos grandes litteratos.

Sendo a sociedade, como já o disse, o lugar onde o theatro vai buscar os seus typos para reproduzil-os na scena, esta, necessariamente, como um fiel espelho, reflectirá a face verdadeira, o character proeminente do periodo que decorre.

Se a época é de gloria, de conquistas e de grandeza, estai seguros de que o theatro desse tempo será grande como as façanhas de sua historia.

Se pelo contrario é ella esmorecida, sceptica e receiosa de tudo, contai tambem que os passos do theatro serão vacillantes e timidos.

E' uma observação provada.

A politica é a vida das nações, o theatro a acompanha.

Se sua vida é potente e robusta, se sua actividade se desenvolve no sentido de sua grandeza, podeis contar igualmente com a robustez e potencia da litteratura e do theatro.

Os genios, para servir-me de uma comparação que não é minha, como os cedros do Libano, nascem sómente nas alturas, crescem e fortificam-se ao embate das tempestades. E se acaso a politica de um estado é inortecôr e desanimada, debil e vacillante, como pedir creações? como fazer appellos aos genios e á inspiração, se elles não encontram a unica atmospherá que os póde alimentar e conservar?

A grandeza, isto é, o mais lato desenvolvimento de suas forças e de suas faculdades, eis o fim de todas as sociedades, de todas as nações. Ora, estas, como o diz um escriptor de nomeada, teem em si um principio de vida que crescendo em seu seio se accumula e precisa derramar-se no exterior: bem como os individuos sujeitos á lei fatal do egoísmo humano vivem mais que de sua propria vida,—da alheia que consomem, e ai do povo, exclama ainda, que não desgasta diariamente com seu atrito superior e violento aos povos vizinhos, porque será desgastado por elles.

Sob esta lei, apreciando elle o estado decadente do theatro de seu paiz, e julgando-o com razão filho da decadencia politica da nação, exclama:

Volvieran, si possible fuese, nuestras banderas á tremolar sobre las torres de Amberes y las siete torres de la ciudad espiritual, dominara de nuevo el pabellon español el golfo de Mejico y las sierras de Arauco, y torndramos los espanoles á dar leys, á hacer papas, á componer comedias y á encontrar traductores. Con los

Fernandez de Córdoba, com los Espinolas, com los Albas, y los Toledos, tornaran los Ercillas y los Calderones.

E' assim. Voltemos porê m ao nosso ponto.

A revolução de 1789, pondo em luta e desenvolvendo em batalha todos os elementos moraes e materiaes de uma grande sociedade, luta essa que pela força de sua propria natureza communicou-se immediatamente ao resto do mundo, apresentou aos homens o espectáculo de uma completa regeneração social, que transformou tudo, e em tudo se fez sensível, já na direcção diversa que abriu aos espiritos, já nos meios fortes e novos que poz á disposição e ao serviço das intelligencias dessa época, recompondo, por assim dizer, o mundo, e dando uma nova face a todas as cousas, á litteratura, aos costumes, enfim, a tudo!

Desgraçadamente porê m, por effeito de sua mesma natureza, em obediencia á sua propria lei organica, essa grande conquista da sociedade moderna sobre os tempos do barbarismo feudal orvalhou-se e tingiu-se com o sangue de muitos dos seus mais ardentes e leas cavalleiros, conspurcou seus louros recalcando-os no chão ensanguentado pela immolação de tantas victimas illustres, assombrou e chegou até a aterrorar aos proprios espiritos, que despertavam á sua luz, e que se preparavam para concorrer tambem com suas forças ao seu engrandecimento, á sua gloria!

Nem por mero apparatus cito aqui a circumstancia

lamentavel desse desvio infeliz do espirito da revolução.

Ella que a tanto estava fadada, em vez de marchar pela estrada larga e desassombrada que lhe apon-tára de seu throno esse rei da tribuna, Mirabeau, quando ao som de sua voz de trovão e aos esforços de sua intelligencia inspirada annunciou, promoveu e aleançou o reconhecimento dos direitos do homem, emmaranhou-se e perdeu-se pela escuridão de trilhos tortuosos e confusos que só a luz de seus odios e o verberar de seus ferros mortecidas esclarecia e allumiava com seus lampejos funestos.

Quanto a mim, opinião sem duvida bem desprezível para um julgamento tão importante, é nesse facto, é nesse resultado infeliz da reacção que intimidou a uns, que a outros impellio á contra-reacção, e que a todos fatigou ; é nesse remoinhar fervente de tantos desejos, de tantas ambições, de tantos odios e de tantas lutas que deram em resultado o cansaço, a prostração de todas forças moveis dessa grandiosa guerra ; que se deve ir buscar o segredo da nova organização do theatro que succedeu.

E' lá, segundo penso, que se encontram os germens, a origem desse periodo quasi excepcional da litteratura dramatica, que, como principal representante apresentou-nos e legou-nos essa escola chamada da Restauração, que por tanto tempo fez o orgulho e a gloria da França.

Da longa serie de observações que aqui teria logar apenas aventurarei algumas. A mesma ligeireza d'este trabalho não permite nem comporta uma serie um pouco extensa de profundas reflexões, que mais cabimento terião n'uma memoria especial se acaso me sobrassem forças para semelhante empreza.

Limitar-me-hei portanto a consagrar um facto, bem que conhecido, mas que não devo deixar de assignalar, porque é por demais importante e até necessario para que meu pensamento não fique de todo obscuro.

O theatro, é verdade, continuou a funcionar.

Em meio da confusão e da desordem que succedeu, em meio dessa especie de anarchia litteraria que caracteriza o periodo de que acabo de fallar, não morreram nem o drama nem a tragedia.

Mas a comedia, essa criação espirituosa e querida que fez outr'ora a gloria da scena grega, que teve seu Molière em Menandro, e em Aristophanes o seu Rabelais; que orgulhou e enriqueceu o palco dessa formosa terra de Lacio, dessa patria especial da litteratura e das artes, que teve tambem seu Menandro em Terêncio e Livio Andronico, e em Plauto o seu Aristophanes; a comedia, que inspirou a tantos genios que illustrou a tantas nações, desde as mais remotas até ás mais modernas, desde a Grecia até a Hespanha, deixando sempre após si uma longa cauda luminosa de astros esplendidos, formando em cada paiz uma galeria especial, desde Menandro e Aristophanes, as duas mais

atas expressões da comedia grega, passando por Terencio e Plauto, resumo das glorias do theatro latino, por Molière, Beaumarchais e Rabelais que por si sós exprimem todo o espirito da França, isto é, da mais espirituosa nação de todo o mundo até chegar a Hespanha, lançando como os ultimos clarões de sua vida, toda essa fila de grandes homens que se eternisaram a si e a seu paiz, e que são hoje conhecidos, lembrados e chorados por todos os amigos e filhos das artes, apontados por seus nomes: Lope de Vega, Calderon, Moreto e Moratin;—morreu?

Morreu, porque não mais encontrou os seus interpretes, ou antes porque, em meio da desordem de todos os espiritos, na confusão de todas as cousas ella não achou um lugar onde sentar-se, não tinha nem um typo a retratar, porque todos os que apareciam ou brilhavam por instantes e sumiam-se sem darem tempo a ser tirada sua copia, ou eram pallidos e frios, sem expressão nem vigor, sem belleza, sem propriedade ou colorido que pudesse ser transposto do mundo real ao mundo da ficção, da figura á reproducção!

IX.

Chegar a um periodo historico da importancia deste; e cital-o apenas, fora uma omissão. Deve de ser ao menos esboçado.

A propria causa da nova modificação do theatro, modificação tão lamentada por uns e tão combatida por outros, ficaria desconhecida ou obscura se não se tratasse de fazer uma apreciação bem que rápida dos successos politicos dessa época que deram em resultado tanta novidade, tanta surpresa.

Entre o grande facto da revolução de 89, e o facto não menos importante das revoluções de 1814 e 1830 na Europa; entre os republicanos do fim do seculo XVIII e os soberanos do seculo XIX; emfim, entre a gigantesca luta do progresso social contra os prejuizos do passado, o alevanto das monarchias europeas e a estrondosa manifestação popular da França que atirou ao exilio o rei elegante, o herdeiro das tradicções palacianas da corte de seus avós, só um grande vulto apparece, só um homem se deixa ver—Napoleão!

Soldado da França no tempo da republica, e successivamente seu general, seu consul, seu dictador e seu soberano, passára por todas as gradações da grandeza até chegar ao coruchéo de sua fortuna, ao alvo de sua ambição, ao throno de seu paiz, isto é, ao primeiro throno do mundo, se já na America um grande cidadão, não houvesse fundado um outro mais alto e

poderoso, por ser o throno da justiça e da liberdade.

Acompanhado da fortuna em todos os lances de sua vida, todas as tentativas arrojadas foram-lhe sempre como acções naturaes e faceis, talvez até pequenas, para a pertinacia e para a grandeza de seu genio.

O exito, porem, sempre feliz de seus intentos, dando-lhe um gráo de confiança em si mesmo superior ás forças naturaes do homem, conduziram-no á sua perda, tendo-lhe feito uma outra natureza, um outro character de altivez e soberba, de audacia e desdem pelo resto das cousas, character que teria sido uma grande virtude se acaso não o tivesse disposto só ao serviço de sua ambição pessoal, e se tambem não fora um como sacrilego desafio ao poder superior daquelle que reis e povos tem sob seu dominio.

Desde que se sentiu firme no primeiro degráo de sua elevação, não mais se suppoz seguido da fortuna. julgou-a definitivamente jungida ao carro de suas audaciosas empresas; e afrouxando a brida aos corseis de seu orgulho e de sua ambição, despenhou-se de sua altura no abysmo da miseria, e foi buscar o desengano da gloria na solidão tremenda do oceano, no tumulto que mãos mercenarias lhe fizeram entre os salgueiros melancolicos da uma ilha esteril e desamparada!

Durante sua passagem, só uma luz se via, a do esplendor de sua gloria; só um som se ouvia, o echo de seus canhões, que iam aos confins do globo levar a

nova de suas victorias; só um nome, o seu; só uma voz, só um respirar, o seu; esse *halito inflamado*, que, no dizer do nosso poeta, *suffocava as phalanges inimigas e a coragem nas suas acendia!*

Como uma immensa sombra, elle só com a grandeza de seu nome enchia e cobria o mundo inteiro, circumvoando como um corvo agoureiro em torno de todas as nações da Europa.

O universo contemplava-o assombrado, a França fascinada!

O terror de sua fama rendia-lhe a homenagem de um silencio verdadeiramente sepulcral!

Politica, sciencias, litteratura e artes, nada existia, nada fallava pelo menos.

Os theatros; de que serviam os theatros? Porque entreter a imaginação do povo com as ficções da vida, se elle existia engolphado no sonho constante da conquista universal, se seus exercitos eram grandes actores que levantavam theatros onde levantavam suas tendas, fazendo um palco de cada campo de batalha?

Dir-se-hia que tudo estava morto!

Eis como dous poetas um francez e outro brasileiro descrevem esse periodo da historia.

« Um só homem então vivia em Europa. O resto dos seres procurava alentar-se com o ar que respiravam seus pulmões. Cada anno a França fazia presente a esse homem de trezentos mil jovens; era o imposto pago a Cesar; e se elle não tinha após si esse acompanhamento,

não podia ir em busca da sua fortuna. Era a escolta de que precisava para poder atravessar o mundo e ir tombar no pequeno valle de uma ilha deserta, sob um *chorão!* » (*).

« O seculo é de Napoleão.

« De uma ilha, que se perde na amplidão da carta geographica da Europa, surge o homem, que mais tem enehido o mundo de seu nome. Levantado sobre as ruinas das sociedades antigas, elle não medita como Mario, sobre as ruinas de Carthago, faz tremer debaixo de sua ousada planta os fins do seculo XVIII, e levado pela inspiração, que da Providencia recebe, toma o vôo e lança-se no espaço. Assim, a aguia fita os olhos no sol e remonta-se a devassar as nuvens em suas regiões.

« Com a espada em punho elle vai percorrendo aceleradamente todos os paizes, demora-se o tempo necessario para escrever o seu nome, commanda uma batalha, faz levantar um monumento e passa alem! Como Cesar, assenhorea-se do governo de sua patria, elege-se dictador perpetuo, esmaga os seus inimigos entre os guantes de ferro que lhe cobriam as mãos, abafa os gritos da liberdade com o estampido de suas victorias, levanta do chão ensanguentado a purpura real, envolve-se nella e diz como Tiberio, predecessor de Luiz XIV, — *o Estado sou eu!* — Como Carlos Magno, elle conquista cidades

(*) Alf. de Musset.

ao acentos, faz-se coroar rei da Italia, tem a seu dispor o imperio da Allemanha, se não faz Papas, desthronisa a um, abre os templos, *restaura as letras* impera sobre o universo.

« No principio do seculo XIX o mundo assombrado contempla o gigante; só ha um homem, só ha uma idèa, só ha uma lei—elle e o echo dos Alpes manda ás cimas dos Andes o nome de Napoleão! (*)

(*) Amaral Tavares.

X.

As forças da sociedade como da natureza são todas sujeitas á mesma lei da attracção.

Attrahir ou ser attrahido, como diz um escriptor distincto, devorar ou ser devorado; lei implacavel da natureza. Povos e individuos, ou victimas ou verdugos!

As idéas predominantes de uma época são as mais fortes correntes da attracção dos espiritos. Foi o que aconteceu.

A idéa predominante desse periodo era a da conquista, a da guerra: todas as outras a acompanháram.

A vitalidade de toda a nação resumia-se n'um só ponto; no exercito. A espada era a soberana de então; a guerra a unica sciencia, a unica preocupação; a gloria das armas a unica religião; os unices sacerdotes possiveis eram os soldados. Assim foi.

Pesando com todo peso de sua grandeza sobre os hombros da França, Napoleão suffocou o povo, ou antes obrigou-o a só respirar pelo canal de seu proprio interesse; foi despota, foi tyranno.

Não tyrano que odiava o pensamento, como diz Lamartine, porque elle representava a liberdade da alma, e que, aproveitando-se da lassidão dos espiritos para enervar a litteratura, só patrocina a mathematicas, só a sciencia do çompasso, porque só os engenheiros eram os seus homens, porque elle só honrava do espirito

humano aquellas faculdades que lhe podiam servir de instrumento; não o penso assim, e peço perdão ao grande poeta da ousadia de minha opposição.

A França cançou-se, exaurio-se. Tanta luta esforcada a prostrára, ella se deixára abater ao pezo de tanta grandeza.

Sendo a guerra o unico respiradouro aberto á nação, a unica possivel carreira de futuro e de gloria, á ella concorriam todas as intelligencias, todas as aspirações.

Creio até que se Napoleão fosse um rei de corte e não de campo, se melhor se ageitasse ao manto estrelado e ao tapete dos salões do que ao capote do soldado e ás intemperies de uma vida aventureira e fogosa, teria talvez cuidado de crear em torno de si uma atmosphera de illustração e de brilho, tal como a que exornára o reinado de Luiz XIV.

Mas como pedir a um homem, constantemente preocupado por uma idéa de dominio e avassalagem, sempre de pé no estribo, prompto para no primeiro impulsogalgar mais um degráo de sua fortuna, a calma, a reflexão, a severidade e a ordem que sós podião traçar um plano conveniente de instrucção e de desenvolvimento litterario?

Como pedir a organisação do theatro, se as instrucções e os codigos theatraes elle os dava e fazia no cabeça de sua sella, ao estrondar da artilharia e ao assalto das impressões energicas e varias que actuam e

embatem o espirito de um guerreiro no meio de uma grande acção? (*)

Impossivel.

Foi tyranno, sim, isto é, mais escravo que tyranno, mais opprimido que oppressor.

O egoismo de sua natureza tinha-o captivo e sujeito. Quando julgava marchar ao aceno de sua vontade, illudia-se a si proprio; era levado pelo impulso fatidico de sua organisação particular; era arrastado por sua propria paixão, sempre o foi até cahir!

E' o que acontece a todo aquelle que não serve a uma idéa, mas a um sentimento seu. Caminha emquanto a força dos instinctos o impelle e obriga a avançar; eede e desfallece logo que o fogo da ambição se amortece ou as forças de sua natureza se gastam e aniquillam.

A idéa, como é espirito, como é essencia divinal que recebe sua força não de si mas da Divindade, seu impulso não do homem, mas do progresso, vai sempre invencivel até o fim, chega a elle infalivelmente, pára onde deve parar, sempre invencivel, sempre idéa.

A paixão, como é uma força toda humana, como é finita e contingente, corre só emquanto póde, tresvariando-se na carreira, perdendo-se e escurecendo-se no remoinhar fervente de seu proprio desejo, até fenece; até aniquillar-se.

(*) Deffrente de Moscow em chamas dictou Napoleão a constituição do Theatro Francez.

A idéa como é Deus, fica como Este, sempre duradoura e eterna. A paixão como é homem, perde-se e some-se sem deixar após si nem o rumor de sua passagem, nem a recordação de sua individualidade.

Napoleão eximiu-se á esta segunda condição menos por ter morrido como o glorioso despota de uma grande nação, do que por haver sido o soldado, o instrumento servidor da grande idéa da revolução.

Chegou porém o periodo da successão.

O cometa ameaçava incendiar o mundo, abater todas as glórias que não foram feitas por elle, aniquilar todas as forças que não estavam a seu serviço.

A França reunia todo seu poder para dispor-se á campanha universal. Napoleão ia subir o ultimo degráo de sua immortalidade, montar no eixo do globo, e deixal-o rodar e receber a homenagem de todos os povos da terra; mas o dedo do Senhor tocou-o, *Israel passou e empunrando-o com suas azas, atirou-o no oceano!*

Então, diz ainda o poeta, ao estrondo de sua queda as potencias moribundas entraram a solevantar-se em seu leito de dores; e estendendo suas patas recurvadas, todas as regias aranhas dividiram a Europa; da purpura de Cesar fez-se um vestido de arlequim!

XI.

A restauração chegou, isto é, os couraceiros austriacos e os cavalleiros cossacos estanciáram em Paris.

Os *salvadores do mundo* preparavam-se á retirada, ao descanso, porque o pesadelo passára, e como viram que, á excepção do rumor causado nas calçadas pelas patas de sua cavallaria, tudo o mais jazia estupefacto e mudo, julgáram, segundo uma bella phrase, a França morta, envolvêram-na n'um sudario branco, deixáram-lhe um rei!

Então começam os espiritos a despertar-se. A reacção era natural; foi violenta.

E' ainda Lamartine quem nos explicará esta transicção;

« A tyrannia de Napoleão devera de ser bem aspera para que a volta do antigo regimen parecesse restituir a liberdade e o alento ás almas. Assim foi no entretanto.

« Apenas destruido o imperio, começou-se a pensar, a escrever e a cantar em França. Os Bourbons, contemporaneos de nossa litteratura, gloriaram-se em reconduzil-a consigo.

« O regimen constitucional restituia a palavra ás duas tribunas. Apesar de algumas leis preventivas ou repressivas, a liberdade da imprensa deu alento ás lettras. Tudo quanto estivera callado começava a fallar, os espiritos humilhados pela compressão, a sociedade

esfaimada de idéas, a mocidade impaciente de gloria intellectual, vingavam-se do seu longo silencio por uma transbordação activa e continua de philosophia, de historia, de poesia, de polemica, de memorias, de dramas, e obras d'arte e de imaginação.

« O seculo de Francisco I teve mais originalidade, o de Luiz XIV mais gloria; mas nem um teve o enthusiasmo e o movimento destes primeiros annos da restauração. A servidão tudo isso accumulára nas almas no espaço de vinte annos. Ellas estavam cheias, transbordavam. A historia deve-lhes suas paginas. Estas não são sómente os annaes das guerras e das cortes, são sobretudo os annaes do espirito humano. »

Salões, clubs, associações, jornaes e palestras litterarias, tudo se estabelecia e se fundava.

Por sobre tudo isto pairavam dous grandes vultos, recordações vivas e gloriosas da resistencia do pensamento livre contra a compressão despotica do poder que dominava então, — Chateaubriand, Mme. de Stael.

Chateaubriand, o regenerador das almas, o evocador das crenças, o restaurador da religião e dos sentimentos christãos; Mme. de Stael, a depositaria augusta das tradições grandiosas da revolução, a regeneradora do espirito, a restauradora da liberdade do pensamento e da gloria das letras.

Tudo entrou a formar-se, a mover-se, a agitar-se; pensava-se, fallava-se, discutia-se, escrevia-se; as escolas discriminavam-se, as seitas se pronunciavam, os

partidos arregimentavam-se, a politica surgia, a sciencia mostrava-se, a litteratura temperava-se, os theatros se constituiam, tudo n'um só sentido, n'um só fim, por uma só lei, — a da reacção natural.

Com o apparecer das forças as lutas vieram; com estas, a resistencia mutua, e com esta infelizmente, a exacerbação, o exaltamento, as paixões, os resentimentos, o odio e as vinganças.

A batalha era inevitavel; não falhou. Não foram as crenças que se bateram; foram as recordações do passado e as inquietações do futuro que se disputaram o dominio da sociedade.....

.....

O futuro venceu, a revolução de 1830 rebentou como a explosão de uma cratera comprimida. Os rescaldos do vulcão abrasaram quasi toda a superficie europea. Os reis, que de volta de sua viagem se apeavam em seus palacios, ouviram o estrondo da explosão: pela direcção conheceram o ponto d'onde partia, comprehenderam então que a França não fôra suffocada, que nem podia sê-lo, porque ella representava a causa do progresso contra os erros do passado; tornaram a montar em seus palafrens de guerra, não já para irem pernoitar em Paris, mas para reunirem-se n'um ponto, a fazerem um conselho, uma liga contra os povos, liga da força contra a justiça e contra a liberdade; estabeleceu-se a santa aliança! Mas a França triumphou.

Triumphou definitivamente? 1848 provou que não.

Entremos porém em nosso motivo.

XII.

As novas lutas, as novas illusões, os novos desenganos e as novas incertezas levaram ao cumulo a agitação dos espiritos, a impaciencia de uma geração nova e ardente, que apparecia palida e nervosa diante do futuro a conjurar as tempestades que no horisonte se desenhavam já carregadas e sobranceiras.

A inexperiencia trouxe a confusão, e esta arrastou cõsigo a desordem na politica, nas sciencias, na litteratura, nos theatros, e sobretudo no jornalismo.

A sociedade estava mal organizada, segundo a época; convinha reformal-a. A natureza não encontrava nella sua expressão, cumpria refazel-a, accomodal-a ás novas idéias, ao novo progresso.

Nesta crusada reformadora os theatros apparecem como os primeiros paladinos do pensamento.

Sua acção sobre as massas é poderosa e energica.

Tudo quanto é systema é repellido como compressão; as regras e os preceitos são como phantasmas do passado a desafiarem e ameaçarem a liberdade do pensamento e das consciencias. Os poetas encarregam-se de batel-as e destruil-as emquanto os homens de estado procuram reunir os artigos esparcos das constituições de outros tempos para sobre elles levantarem o novo edificio social, para com elles formarem o novo codigo universal dos governos. Confusa e amalgamada mistura de essencia de liberalismo e despotismo,

metade corôa, metade chapeo, prerogativas de um lado, e do outro franquezas, e em resumo nem monarchia nem republica, nem soberano nem povo.

O theatro acompanha o mesmo declive. Politicos e poetas dizem applicar-se á obra da reconstrucção social; mas a reconstrucção tarda e só se distróe, só se abate, sem que das ruinas que fazem surjam novas edificações.

Bem sei que a época é climaterica, especial, anormala. Nem contra ella me revolto; aceito-a como um periodo historico, com todas as consequencias de sua necessidade.

Os meios e as formas empregadas pelos reconstructores sociaes variam ao infinito. O espirito da innovação e da surpresa tem avassalado todas as intelligencias. Um grande critico dessa época assim mui profundamente se exprime, fallando do novo genero de peças introduzida nos theatros e cahido no agrado do publico:

« Quanto aos meios e formas dramaticas, aos crimes, aos horrores que succederam no theatro moderno á fria combinação das comedias do seculo XVIII, oppormo-nos a ellas é oppormo-nos á differença das épocas e das circumstancias, com as quaes varia o gosto.

« Ao theatro, dizem alguns, vamos sómente divertir-nos; não, no theatro vamos ver reproduzidas as sensações que mais nos affectam na vida; e na vida actual nem o poeta, nem o actor, nem o espectador teem vontade de rir-se.

« Os quadros que enchem nossa época affectam-nos seriamente; e os acontecimentos em que somos tão interessada parte não pôdem predispor-nos para outra classe de theatros.

« Razão para que se não deem comedias de Molière ou Moratin, interpretes de épocas mais tranquillias e de sensações mais doces; e se por ventura as fizessem, não nos divertiriam.

XIII.

Ainda apreciando essa quadra especial do theatro, muitos outros criticos eminentes a combatêram e deploraram; e o proprio que escreve estas linhas, tendo de fazer um parallelo artistico, serviu-se já destas expressões, que por si sós resumem tudo quanto quizera agora accrescentar.

Eil-as:

Ha um eminente e profundo critico dramatico que deplora do fundo d'alma o estado a que hão conduzido a arte, e especialmente a litreratura dramatica, os poetas da escola moderna ou romantica, que teem por soberano a Shakspeare, e por primeiro ministro a Victor Hugo.

O theatro antigo, diz elle, tem mais virtude; a arte mais nobreza. Aquelle mais character; esta mais elevação.

O theatro moderno tem mais luxo; a arte mais ostentação.

Os autores antigos sacrificavam antes a forma ao pensamento; o apparatus á idéa, o movimento a paixão.

Os autores modernos sacrificam antes o pensamento á fórma, a idéa ao apparatus, a paixão, ao movimento.

Os primeiros procuravam antes mover os espectadores pelo contraste das paixões, pela contrariedade dos affectos, pelo relevo dos sentimentos, pela luta desesperada de dous principios oppostos que se combatiam

mutuamente, e em que um delles tinha de ceder por força, pelo espectaculo, emfim, grandioso sem duvida, do encontro do homem comsigo-mesmo, embate fatal de uma idéa com um sentimento, encarniçado duello do character com o coração, em que no proprio sacrificio manifestava a propria grandeza, em que, vencido e vencedor, eram ambos coroados com uma aureola brilhante, em que as glorias do combate se repartiam igualmente, formando um duplo diadema para coroar o mesmo individuo igualmente honrado com a grandeza da victoria e com a nobreza do sacrificio, com a palma de sacrificador e de viticma.

Os autores modernos, ao contrario, procuram, e é força confessal-o, tem-no conseguido, amarrar o espectador a um pensamento, conduzil-o descabelladamente por um caminho largo e escabroso, bordado de mil precipios, historiado de mil horrores, entravado de obstaculos humanamente insuperaveis, cercado de abysmos e trevas, só lá de quando em quando apondo-lhe uma luz frouxa e mal distincta, mas isso mesmo para augmentar-lhe o tormento, fazel-o tressudar nas vascas de uma agonia sem termo, á semelhança do naufrago que no desespero de sua afflicção divisa ao longe a luz tremula e indecisa, de um pharol, que lhe não póde valer.

E nesse tresloucado passeio vão ambos, espectador e poeta, arrastados pelo mesmo carro, tropeçando nos mesmos embaraços, cançando-se na mesma carreira, des-

pedaçando-se as carnes contra as mesmas farpas, até chegarem extenuados de fadiga, assombrados de tanto horror, offegantes, pallidos, desfigurados e turbidos, ao termo fatal e inevitavel desse galope infernal, em cujo impeto a imaginação tem perdido todas as illusões, o personagem toda a configuração de seu character, o poeta toda a seiva de seu genio, e o espectador todo seu interesse no esforço de seu alento, para chegarem finalmente a esse ponto extremo de todas as composições modernas, isto é, á sublimidade do horrivel, á divinisação do terror, á apothéose da agonia e do asombro!

Isto é, os autores antigos visavam antes o desenho firme, placido, mas profundo e grave, do character do personagem e da intensidade do affecto que o pungia em vez de quererem, como os modernos escriptores, sacrificar a verdade da natureza e a intensidade das paixões que sabem pintar tão agitadas e convulsas, ao complicado do entrecho, á surpresa do *final*, á magia do *effeito*.

Aquelles procuravam espiritualisar quanto podiam para que a parte moral não pudesse jamais ser sacrificada no drama; procuravam falar ao espirito como só deve falar a arte.

Estes procuram materialisar, *realizar* quanto podem para chocar os espectadores de modo que elles proprios *enxerguem* o effeito de sua obra, e contemplem a manifestação das sensações que provocão; procuram

falar aos instinctos, que são os conductores mais promptos das revelações da natureza, porém os menos proprios para servirem á arte.

Os primeiros deixavam entrever o alinhado de suas composições, que se desenhavam como n'um quadro de modo que o espectador acompanhava regularmente o personagem nas diversas phases de seu papel, e por assim dizer ia postar-se nos pontos avançados que descobrira, e ahí esperava o resultado da luta que se devia travar, para admirar-lhe a força e calcular-lhe o poder.

Os segundos esforçam-se quanto podem para encobrir aos espectadores o resultado de suas scenas. Não lhes consentem a advinhação se quer de um quadro; levam-nos de scena em scena, de pensamento em pensamento, de imprevisto em imprevisto até o final, isto é, o admiravel, o estupendo, o maravilhoso, o impossivel muitas vezes,—*x*—fatal de todos esses problemas complicados que se teem tornado a litteratura e a gloria dos tempos românticos.

Aquelles queriam a comprehensão; essa comprehensão facil e natural que se vai pronunciando á medida que os successos se vão desenvolvendo e as paixões manifestando.

Estes querem a admiração; essa admiração forçada e violenta que tanto mais extenúa o espectador quanto seu exercicio é variado, sempre crescente, cada vez mais obrigada, cada vez mais forte.

Como que a imaginação desses tempos era mais virgem, como que a de hoje mais gasta.

Como que os corações dessas épocas não estavam tão embotados, como que viviam mais de sentimentos que de sensações, e não precisavam da realidade para sentirem viva a impressão de um affecto.

Nesse tempo gozava-se mais no sonho; não se sonhava tanto no gozo.

E no entanto eram eminentemente artisticos, tanto mais quanto eram as emoções moraes que operavam, e não os instinctos que se accordavam n'um estreme-cimento ou n'um espasmo.

E sobre isto, falar-se dos autores é falar-se dos actores.

Ha entre os antigos e modernos actores a mesma differença, a mesma distancia, a mesma diversidade no modo de manifestarem as paixões.

E é natural. Sendo os actores os interpretes principaes do pensamento dos poetas, os defeitos destes far-se-hão sentir naquelles.

Os desse tempo procuravam elevar-se, ennobrecer-se e espiritualisar-se tanto em seus caracteres, quanto os de hoje procuram chegar-se mais ao geral dos espectadores, gritar-lhes ao ouvido, assombral-os com seus gestos e com suas contorsões, approximar-se emfim o mais possivel á natureza vulgar, sem deixar intacta uma fibra, sem esquecer uma emoção, tocando em todos os instinctos, até que elles revelem seu acordar n'um ex-

tertor de agonia ou no lubrico estremeccimento de um prazer.

E não é esse o prazer que a arte offeroce; não é essa a parodia da *bête* humana de que ella se costuma servir.

XIV.

A esse novo genero de litteratura dramatica, a esse serie incontestavelmente brilhante de absurdos, monstruosidades e anachronismos, chamou-se a Escola da Restauração, que melhor se poderia denominar a escola das desordens e anarchia litteraria.

Dous resultados fataes á sociedade procederam dessa escola: a exacerbação dos espiritos e a corrupção dos costumes, a extravagancia das idéas e a deturpação dos sentimentos.

Fecundo em grandes talentos, não nos mostra, comtudo, esse periodo um só genio. E a razão é simples,

Os genios, quer em politica, em sciencia ou em litteratura, são a incarnação das grandes idéas destinadas a fecundar com sua seiva robusta o terreno da sociedade; são a alma das grandes revoluções destinadas por seu caracter e sua força a dar a sociedade uma nova face, e transformar em seu gyro as cousas que existem substituindo-as por outras mais productivas, proprias ao desenvolvimento social, á perfeição da humanidade.

Os talentos, pelo contrario, são faceis de encontrar-se em meio desses disturbios, porque elles, pela especialidade de sua natureza, são destinados antes a formarem-se delles e com elles apparecerem para se incumbirem propriamente das guerrilhas do pensamento, batendo-se a toda a hora, servindo-se da primeira arma que encontram.

Se a citação de minha opinião pessoal não fosse uma pretensão vaidosa em uma questão como esta, extremamente séria e importante, diria aqui francamente que não tenho receio em negar a essa escola a bandeira que diz ter hasteado, a da revolução litteraria, substituindo a inteira liberdade do pensamento ás regras e aos preceitos dos mestres antigos, ou por outra, e para servir-me de termos mais conhecidos, antepoendo ao severo *classismo* o independente e revolucionario *romantismo*.

E no entanto, peço licença para aqui fazer uma pequena profissão de fé politica e litteraria: não pertenço ao numero desses a quem assustam as reformas e as revoluções.

Pelo contrario, confessarei mesmo que tudo quanto se refira quer a uma quer a outra me encontrará sempre de seu lado, combatendo em suas fileiras, se acaso alguma dessas duas idéas se determina a dispor-se em batalha.

Mas não será tambem escusado dizer que quer por uma quer por outra só entendo e aceito os movimentos legitimos do espirito, sua insurreição justificada contra qualquer abuso ou prejuizo que entorpeça a marcha da civilização, ou pêe o desenvolvimento e as garantias populares, porque nesse caso unico que eu significo por essa expressão, é ella um direito sagrado a cuja exigencia nenhum cidadão tem o direito de remir-se, sob pena de uma negação absurda do sagrado principio de

sua natural liberdade, isto é, sob a pena da absurda negação de si mesmo.

Continuando, porém, não hesito, como disse, em negar a essa seita a bandeira de que se quer servir, por isso que, além da má escolha de suas armas de combate, ella nunca visou a um fim litterario, mas sim a um fim politico, nunca teve em idéa alargar o horisonte das letras em pró dos talentos, mas sim alargar o horisonte das condições sociaes em pró de suas ambições pessoaes.

Não quero, entretanto, fazer aos grandes talentos que representam as summidades dessa escola a injustiça de não crer na sinceridade de suas opiniões. Não serei eu quem lhes faça cargo de semelhante peccado, por isso que para mim não foram mais que os instrumentos fataes de uma época e de umas circumstancias inteiramente especiaes e anomalas.

Consagremos porém os resultados fataes de que acima falamos.

Como todas as idéas falsas, a da escola a que me refiro obteve um resultado contrario áquelle que parecia desejar.

Querendo melhorar a sociedade por meio de uma reforma, transtornou-a por meio de um cataclysmo.

Visando a independencia do pensamento em toda a sua latitude, obteve pelo contrario sua escravisação, porque o encadeou a um só motivo, constante e invariavel em seu fundo, se bem que variado em suas fórmás.

E' como o diz um escriptor eminente, tão captivo é aquelle a quem obrigam a estar parado, como aquelle a quem obrigam a andar constantemente.

Clamando sem cessar que a organização social era viciosa e eivada de contrasensos, assoalhando que os pergaminhos e as posições herdadas haviam monopolizado toda a riqueza das posições e toda a força do poder, cerrando assim aos talentos as portas da grandeza e do futuro, em vez de robustecer os animos para a luta que julgava necessaria, enfraqueceu-os, inoculando-lhes a descrença e o scepticismo, fazendo-os duvidar das esperanças do progresso, e acreditar na impotencia da reacção que desejavam. Dahi o grande numero de suicidios que sobrevieram, sentenças fataes de desanimo cahidas infelizmente em sua maioria sobre as cabeças litterarias da época, sobre a mocidade que despertara ao sol da revolução, e que se deixava morrer na desesperança de assistir á aurora seguinte.

Os sentimentos mais puros do coração, as conveniencias mais melindrosas da sociedade, as mais sagradas leis da religião e do estado, tudo foi esquecido ou desprezado.

A autoridade quer domestica quer publica, ridicularizada e appuada na scena, os dogmas mais sacrosantos da philosophia e da religião, mal interpretados ou intencionadamente torcidos, deram em resultado a demoralisação do povo, o desprezo de todos os deveres, o afrouxamento das obrigações sociaes, bem como o das obrigações da consciencia.

A familia ficou sendo uma instituição, ridicula, a autoridade um boneco espantalho a quem se pateava e escarnecia.

Fatal e miseranda condição de toda litteratura, que se impõe um fim politico e não um fim propriamente litterario!

E aqui que se me conceda exprimir um pensamento. A litteratura, como eu a entendo, é destinada a servir á sociedade mas não a reformal-a. Aos poetas sua especialidade bem como aos estadistas a sua. Não se cunfunda Washington e Napoleão, Pombal ou Pitt com Goethe ou Victor Hugo, com Shakspeare ou Lamartine.

A cada um seu papel e sua missão, mas que ambos se auxiliem com seus meios e suas armas para o grande fim do aperfeiçoamento social.

E no entanto a sociedade tolerou essa escola, deixou-a popularisar-se, e ella, que dá a cada individuo de seu seio direitos e garantias contra qualquer ataque dirigido á sua pessoa ou a suas prerogativas, cruzou os braços e assistiu impotente á destruição de seus principios cardiaes, tolerando os ataques dirigidos aos primeiros sacramentos da religião e ás leis fundamentaes de sua organisação.

Arredado, porém, vou de meu proposito. Estas divagações, entretanto, eram necessarias para que se me não censurassem a ligeireza do juizo e a rapidez com que tratava de assumptos tão importantes e melindrosos.

Mais acima o disse: a comedia morreu.

E para compensar essa falta, para preencher essa lacuna, sabeis a creação que inventaram, a substituição que promoveram? A comedia de phantasia, e depois o *vandeville*, e depois a farça!

A primeira sem destiuo nem fim, graciosa ás vezes, quasi nunca moral; ligeira sempre, nunca profunda; sem propriedade em seus typos, sem significação em seus discursos.

A distracção é todo o seu empenho, *lo gracioso*, como dizem os Hespanhóes, toda sua força.

A segunda, differençando-se apenas em sua fórmula pelo torneio metrificado de certas phrases, pela combinação de certas scenas comico-lyricas, e recommendando-se, quando se recommenda, só pela elegancia do verso, pela harmonia do rythmo, ou encanto da musica.

Genero este especialmente francez, direi mesmo unicamente francez, e que ainda não conseguiu naturalisar-se em nenhum outro paiz.

A terceira, finalmente, que pôde talvez ser considerada como uma parte da comedia, mas que por sua

natureza não se pôde prestar nem a uma descripção completa, nem a um desenvolvimento philosophico.

Resumindo: a comedia, que tem por fim a correcção da sociedade pela representação comica e satyrisada de seus defeitos e de seus vicios, só pôde ter effeito, só pôde triumphar quando é baseada no character, nos costumes do povo que busca por typo, que é a fonte de sua inspiração e de sua grandeza; *fontes aquarum*, como diz o poeta.

Para isso muitas condições indispensaveis se requisitam. Dahi nasce a difficuldade do genero e a falta ou o pequeno numero que se conta de bons poetas comicos.

Ella precisa de espirito para ser comprehendida ligeira mas profundamente; de graça, para entreter e amenisar a attenção do espectador; de moral phisologica, para não mentir a seu fim; de propriedade na escolha de seu objecto, de simplicidade e decencia em eu estylo, de penetração e vivacidade em sua sátyra; de verdade em sua critica; de elevação em seu pensamento; finalmente de energia e colorido em suas descripções, unico meio de occupar o logar que a litteratura lhe assignala, que a historia lhe tem consagrado; que o presente lhe reconhece, e de que o futuro espera muito, porque é convicção minha que, com o correr dos tempos, ella assumirá de novo a posição e o brilho que lhe deram todos esses grandes genios da antiguidade, todos esses *Homeros bufões* de que nos fala o poeta das *Contemplações*.

A critica de uma obra, não dou isto como novidade, está na razão da importância da mesma obra.

A difficuldade na confecção desta, traz a difficuldade na confecção daquella.

É o que acontece á comedia. Sua critica é tão difficil quanto sua realisação é custosa.

Nella muito ha a considerar-se, nada pôde ser dispensado pela critica, se é que esta procura com sinceridade penetrar, inteirar-se com exactidão de todas suas bellezas, de todos seus defeitos.

Nada se deve omittir, tudo se deve analysar.

1.º Se a obra mente ou não á classificaçáo do seu genero.

2.º Se ha propriedade em seus caracteres, verdade em sua descripção e se tanto uma como outra correspondem á época de sua acção.

3.º Se seu estylo é perfeito, se a linguagem condiz com as personagens que representa.

4.º Finalmente, se seu pensamento é nobre e elevado; se seu fim é moral, se ensina, se corrige com sua censura, *se é util*, além de outras muitas observações em que incorre uma obra da arte.

Duas palavras mais.

O poeta que procura fazer a critica de uma sociedade não pôde tomar para objecto de sua satyra a sociedade toda em si, com todas as cousas e pessoas de que ella se compõe.

O objecto é por demais grandioso para ser comprehendido na scena.

Além disso, a multiplicidade e a variedade dos typos que tem a pintar, a diversidade dos caracteres que tem de descrever e combinar, tudo isso n'um só quadro, n'um só plano, é quasi que impossivel, pelo menos extremamente difficil, pede um folego largo, conhecimentos profundos, estudos muito aturados e variadissimos.

A comedia é como o daguerreotypo.

Quanto maior é o numero dos objectos que tem a retratar, quanto mais differentes em suas figuras; tanto mais pallida e desmaiada é a reproducção, tanto mais incompleta fica a obra.

Esta difficuldade é tão real, tão sensivel, que os grandes poetas comicos a reconhecêram, não descrevendo senão uma parte da sociedade que queriam criticar, não tomando para objecto de sua acção mais do que uma classe, quando muito, do que alguns typos, do que alguns vicios ou defeitos.

Mas, Moysés da litteratura, querer reformar a legislação do mundo, a organização social, n'um só projecto, d'um só lance — pretender arcar de um impeto com todos os defeitos, com todas as forças de uma sociedade inteira, agarra-la para derriba-la de uma só vez, com o camponio vaqueiro agarra o touro pelas pontas para subjuga-lo, para vence-lo, é tentar o impossivel, é arriscar a sorte da producção, impotentę para uma luta tão desigual.

Mais ainda; tocando assim em todas as fibras, em todas as susceptibilidades de uma grande corporação, e apresentando-lhe a ella propria, assim resumido, o quadro de todas suas imperfeições, o seu fiel retrato, desvirtúa o fim a que deve visar a obra, não corrige, não ensina, não dá logar a que cada um de per si note e reprove com seu aplauso a satyra, o vicio que o poeta nota em cada um dos membros dessa corporação, mas isolados.

Continuando a comparação. Assim como n'um quadro onde estivessem retratados muitos individuos, a elles apresentado ao mesmo tempo, nenhum poderia notar os defeitos de composição que existissem em cada um dos retratos, e só olharião, cada um para o seu, sem por conseguinte aperceberem-se de seu proprio defeito; assim tambem a sociedade inteira retratada pelo poeta, por elle satyrisada, não aproveitará a lição em cousa alguma, só olhará, da producção, para aquella parte que lhe diz respeito, cada membro por si, com a vista de seu ressentimento, pelo prisma de sua susceptibilidade, e retirar-se-hão todos do espectaculo, cada um indignado ou despeitado contra elle, talvez desconfiado de si mesmo, mas em todo o caso sem a correcção, sem o exemplo, sem o germen do arrependimento, só sentindo e só falando, como diz o satyrico hespanhol, *par la boca de su herida.*

Este genero de critica de tão geral e absoluto que se quer fazer torna-se restricto e individual até a offensa da pessoa.

Elle é impotente e inutil para a correcção que se propõe fazer e no intuito de prestar um serviço á moral e á civilisação nada mais faz que atirar ás multidões uma provocação directa, cujo resultado é sempre contrario as esperanças que devem alentar uma obra litteraria desse genero.

Corria-me aqui talvez o dever de entrar na apreciação das comedias politicas ou libellos litterarios, mas as observações sobre esse ponto dariam a meu opusculo as pretensões de uma obra, e Deos sabe que somma de coragem e que virtude de abnegação é necessaria nos tempos presentes para se affrontar a indifferença natural de nossa população pelas questões litterarias e a malevolencia desses que segundo a phrase sentenciosa e verdadeira de um illustrado amigo (*) arvoraram em nosso paiz o trabalho em pretensão e a preguiça em saber.

Mas, para aproximado, visto que não posso faze-lo completo, desempenho de minha missão vou tocar brevemente n'um ponto importante e delicado, esflora-lo apenas, para que a rudeza de minhas observações desprete talvez a vontade de m'as contestarem espiritos superiores e talentos mais esclarecidos.

Tendo ainda que perfunctoriamente mostrado qual a missão e qual o caracter da comedia, passarei agora a patentear uma de suas faces particulares mas tambem caracteristica, face essa que em referencia á comedia politica fórma todo o seu retrato, todo o seu fundo.

(*) Dr. M. de Almeida.

Esse será um dos objectos principaes que formarão juntamente com outras questões litterarias, a publicação que seguirá a esta ; se o acolhimento do publico e a benevolencia de meus amigos não achar por demais pretenciosa de minha parte uma tentativa reconhecidamente superior á minhas forças.



CORRESPONDENCIA LITTERARIA.

.

Se publico estas cartas ainda mesmo depois de constituirem ellas o prologo de um livro já publicado, é por entender, erradamente talvez, que nellas se contem algumas idéas dignas de uma repetição.

O destino dos prologos disse-o o sempre chorado Alvares de Azevedo, é não serem lidos.

O que será, pois, deste, servindo de rosto a um livro de poesias suavissimas e encantadoras?

Quem se entregaria á leitura e á reflexão sobre duas pobres cartas quando o volver de algumas paginas bastava para abrir ao mundo da imaginação e do coração, panoramas e perspectivas arrebatadoras?

Bem que me refira ás *Minhas Poesias* do Sr. Amaral Tavares, bem que seja esse um nome caro á meu coração e susceptivel de apaixonar e fazer parciaes a todos quantos prezem a intelligencia em suas ricas manifestações e a alma nas suas mais delicadas e sinceras expansões, espero provar brevemente talvez que a parcialidade do amigo soube fazer cessão aos direitos e á independencia do critico.

Eis a carta que por occasião de publicar seu livro me dirigio e em seguida a resposta que lhe enviei.

Ao Sr. Quintino Bocayuva:

Bahia 6 de Julho de 1856.

Meu amigo.—Ellas ahi vam, essas pobres filhas de algumas ligeiras inspirações poeticas, de longas horas de dores, de raros momentos de prazer.

Caprichoso e humorista, como me conheces, não segui de preferencia este ou aquelle modelo; não imitei os sombrios desesperos de Byron, a melodia mystica de Lamartine, a frase energica de Victor Hugo, o estylo sempre heroico de Magalhães ou verdadeiramente brasileiro de Porto-Alegre, não.

Ahi, nestes meus ensaios poeticos, ha talvez ligeiros traços de tudo isso, talvez não; eu mesmo o ignoro—o que, porèm, assevero que existe, é o sentimento intimo, profundo, sempre o mesmo, que guiava a minha penna.

Nunca escrevi um pensamento, que não tivesse na cabeça, nem descrevi uma paixão, que não sentisse, nem cantei uma flor, cujo odor não desejasse soffregamente aspirar.

Com tudo, é necessario confessar-te com essa franqueza e confiança, que fórnam a base das nossas relações, que nutro um receio e é de haver por demais talvez introduzido em minhas poesias, de envolta com esse meu sentimento intimo, de que falei, a vida real, e sabes perfeitamente e melhor do que eu, que a vida real em poesia é uma mentira ou pelo menos descahe tanto da altura, a que se levanta a imaginação, que não é possivel soffrel-a sem esses arrebiques creados pela fantasia e consagrados pelo uso.

Na poesia, e bem assim em todas as artes, a natureza, quero dizer, a realidade das cousas, deve de entrar, como materia prima, se é que posso exprimir-me desta maneira, rodeada de todas as ficções do engenho, elevada de suas simplicidades, modificada em suas exa-gerações. E a razão é obvia.

Se o fim do poeta é agradar e commover, deve elle para conseguil-o dirigir-se á imaginação e ás paixões.

Para que vibrem certos sons é necessario que se firam certas cordas, e, assim, para que despertemos em outrem certos sentimentos é mister que saibamos a maneira de fazel-o, que a estudemos, que a calculemos de antemão.

Porque nascendo em nós esses sentimentos de uma imensidade de motivos, que sómente em nossa pessoa sam poderosos para se reproduzirem em outrem necessitam de que imagens fortes, comparações energicas o apoiem o sustentem, visto que vam elles lutar com circumstancias e razões muitas vezes totalmente oppostas.

E por isso da exposição depende tudo. O mesmo objecto, que nos versos atrabilarios de Byron causaria horror, nas facetas quintilhas de Tolentino promoveria o riso talvez.

O poeta inflamma sua imaginação, exalta suas paixões, eleva seu estilo á altura das idéas, e dá-lhe uma expressão toda differente da que tem o espirito na calma habitual, em que vive. São palavras de Blair.

Como então nessa agitação moral apresentar as cousas taes quaes são e as vemos? Na especie de delirio, em que em semelhantes occasiões nos debatemos, a vida real deve de passar, como a sombra, que se resvala nas paredes sem deixar mais vestigios, que a lembrança de quem a vio.

Ao contrario é quasi certo faltar-se ao effeito proposto.

Assim, pois, creio não ser infundado o receio, que nutro, de que a verdade, com que algumas vezes escrevi, não seja um merito para o meu livro.

E quando falo da verdade, com que escrevi, não te persuadas, que falo da do sentimento, não—dessa vanglorio-me eu, é da verdade da palavra, isto é, lisura de

frase, sem torneios, sem enfeites, sem roupas, que a disfarcem.

Por ahí algures encontrarás a linguagem chã, tal, como a natureza, e não o estudo, nol-a ensina. É disso, que trato.

Ainda mais: não sei se esse meu humorismo, a que descuidadamente me entrego em horas de poesia, é um defeito; se não fora mais acertado, cingir-me ás lições ou exemplos dos nossos melhores poetas dos tempos que correm — os Srs. Magalhães, Gonçalves Dias e Porto-Alegre.

Pareceu-me, porém, e parece-me ainda, e perdoem-me os sabios se érro, que a imitação servil quer da fórma quer do pensamento, raras vezes deixa de ser a morte da inspiração. O pensamento, segundo entendo, deve de ser escripto conforme se esboça e desenha na imaginação; a fórma, aquella, que dá a penna no momento. Tudo o mais é encapear, o que de sua mesma natureza é livre.

E se nesta minha maneira de pensar afasto-me do que é, faço-o com Victor Hugo, ao qual *parece que o espirito de imitação recommendado por outros, como a salvação das escolas é sempre o flagelo da arte.*

E o illustre escriptor falando da arte não se refere a esse circulo de ferro de regras e preceitos, alem do qual não é dado ao neophyto avançar um passo, não; mas sim a observação da natureza, que tende a aperfeiçoal-a, ou disfarçar-lhe os defeitos, segundo o que

manda o bello e o bom gosto. E é o que elle mostra claramente, quando diz:

O poeta não deve de ter, senão um modelo, a natureza; se não um guia, a verdade. Não deve escrever, cingindo-se ao que tem sido escripto, mas ao que lhe dicta sua alma e seu coração.

E se querem, que o mundo pare estacionario, preservavam regras, imponham, se o poderem, ao genio que se submetta a ellas, e Shakespeare, Corneille, Miguel Angelo, Mirabeau, Napoleão, serão todos riscados da lista dos grandes homens, serão reduzidos de gigantes a pigmêos.

As palavras de Galilleo após a abjuração da *sua heresia* do movimento da terra — *mas, apesar de tudo ella move-se*, não eram sómente as convicções do sabio, que prorompiam a despeito dos tormentos, da fogueira, da morte, que o ameaçavam, eram o protesto solemne, que contra a rotina levantavam o genio, a natureza e o estudo.

Ocorre, alem disso, meu amigo, que nós não temos ainda uma litteratura patria e por consequencia muito menos uma escola poetica, e que os mesmos Srs. Magalhães, Gonçalves Dias, e Porto-Alegre, incontestavelmente poetas e litteratos de sabido quilate, não foram ainda proclamados chefes ou instituidores de uma escola propriamente nossa por quem só pôde proclamar-los, pelo tempo. Elles são iniciadores e o desenvolvimento de nossas lettras é que hade assignalar o lugar, que lhes compete.

E a respeito disso e desses tres distinctos brasileiros não sei se a minha maneira de pensar é a geral, e nesta duvida quasi que tenho medo de enuncial-a.

Nos *Suspiros Poeticos* eu vejo o azulado céu da Italia, deşlumbram-me os reverberos do sol na columna da praça de Vendôme, ouço o horrivel estampido dos cânhões de Waterloo: nos *Suspiros Poeticos* eu leio Lamartine, eu leio Victor Hugo.

Em todas as paginas desse livro, ao qual todavia, se não pôde negar muita belleza e muita poesia, eu encontro as impressões momentaneas do lugar, sinto o poeta, grandioso como é o Sr. Magalhães, inspirar-se e cantar á vista das ruinas de Roma, no carcere de Tasso, em frente do tumulo de Filinto Elisio; mas infelizmente o Brasil não occupa ahi o primeiro lugar, deixa entre-ver-se apenas nas saudades patrias do peregrino.

E parece-me tanto mais censuravel esta falta, quando o autor dos *Suspiros Poeticos* não é um poeta de colt chêas, e quando publicou o seu livro já não era um trovador noviço, entoando canções de amor e melancolia, era um poeta formado pelo estudo e pelas viagens.

Na historia da nossa litteratura, ao Sr. Magalhes não caberá, como podera, o titulo de creador, porque foi procurar no estrangeiro um modelo, quando nós e elle temos todos os quesitos para não precisarmos disso.

Com a sua grande intelligencia, devera ter-se elevado ás nuvens, como a aguia, porém não o fez; cortando elle proprio as azas do seu genio: accendeu os

fogos das esquentadas fantazias da imaginação brasileira, cruzou os braços diante de sua obra e contemplou-a sem dar-lhe mais os retoques necessários.

Esta é a sua gloria—o haver despertado entre nós o gosto pela poesia, e ser o primeiro luctador, que se apresentou na arena, arcando com a escola classica portugueza. Todavia, como podera fazer mais, os seus esforços e a sua victoria diminuem de preço e não o elevam ao ponto, que lhe estava destinado: deixam-n'ó ficar a quem de si mesmo.

O Sr. Magalhães rutilará sempre, é uma verdade, como uma estrella polar, porêm só, sem satellites, com toda a monotonia, de uma paisagem sem accidentes, do azul dos céos, das aguas espelhadas do lago.

Nos melodiosissimos cantos do Sr. Gonçalves Dias existe a fôrma revestida das suas mais pomposas galas de triumpho, a frase sempre sonora e polida, a fluidez da palavra, como nunca talvez existio melhor, a belleza do pensamento e a poesia da idéa, mas tão sómente nas *Americanas* é que ha o merito da innovação.

É, pois, desta ultima parte, que tratarei, deixando a outros o cuidado de analysarem, se o resto das obras do illustre maranhense é ou não extreme de defeitos, apezar do que acima disse.

Quando a inspiração arroja o escriptor pelos campos da fantasia desvairada e leva-o a vaguear por esse mundo sem raias, que se chama imaginação, e levantar castellos e a derrocal-os, compondo romances de dores e

sentimentos intimos, revolvendo recordações e saudades, desflorando o futuro em suas trevas e mysterios; a penna corre sobre o papel, os cantos elevam-se gradual e naturalmente, tudo é proprio e preciso, nada deslocado e infiel, porque nada é imitado, porque tudo é filho do engenho.

Mas quando a descripção substitue a invenção, quando o assumpto refere-se a um character, a um costume, a um facto positivo e passado, então o poeta sente-se peado em seus movimentos, o modelo o reclama, a verdade o curva, e, a menos de querer desnaturar a sua obra, ha de cingir-se ao que é.

Neste ultimo caso está o Sr. Gonçalves Dias com as *Americanas*.

Ahi, nessas bellissimas poesias, o pensamento é sempre poetico, as figuras são floridas, a descripção elegante; ha, porém, o direito de duvidar-se desta.

Digo que ha o direito de duvidar-se, porque ninguem sabe ao certo como passavam-se algumas scenas entre os selvagens; ninguem podia bem apreciar a linguagem dos incultos habitantes da America para bem transmitir-a á posteridade, que somos nós.

Sei perfeitamente, que pôde-se responder ao que acabo de dizer, citando-se memorias e manuscritos de viajantes desses tempos; mas ignoramos nós o que sejam viajantes? O exemplo de nossos dias não nos anima a louvarmo-nos nas palavras de quem escreveu, ha dous seculos. Milhares de interesses e motivos actuavam para guiarem a penna do escriptor n'um ou n'outro sentido.

E esta idéa não é nova em mim: ha muito qua a nutro, e talvez que a ti mesmo já eu a tenha expellido a respeito dos Natchez, cujo autor, sabes, é de muito minha predilecção.

Não me parece, que o maior merito dessa obra seja a descripção das assembléas dos indigenas, os discursos desses, ponposos de força de alma e floreios poeticos, não; porque a essas e outras cousas de igual jaez deve presidir a mais escrupulosa verdade, e eu, ao menos, julgo-me com direito de não me ficar neste ponto no que diz o grande escriptor francez.

O que, sim, com toda certeza avulta nos *Natchez* é a enlevadoura pintura desta formosa terra de Colombo com seu céo de anil e suas florestas virgens, seus rios gigantes e suas hrorisonas cataractas, tudo acompanhado de um magnifico córtejo de ficções poeticas de primeira ordem.

Mas ainda quando seja erronea a minha maneira de pensar em quanto acabo de expender, o que não ponho em questão, todavia, creio que ninguem dirá serem as *poesias americanas* a mais apropriada norma, por onde modelar-se uma escola poetica; porque ninguem de certo exigirá, que levemos eternamente a cantar ao som do *maracá* as grandezas e o poder de *tupá*. Acho-as, sim, proprias, muito proprias para o que seu autor dellas fez — um devancio para resfolgamento da imaginação.

Devo, porém, ainda accrescentar, para o completo de minha opinião, que nessas dulcisonas *americanas* en

contro uma parte do que entendo que ha de restituir a verdadeira poesia brasileira, a qual é tanto mais difficil de definir e caracterisar, quanto sam heterogeneos os elementos de que tem de compôr-se. A razão é de primeira intuição.

Percorrendo as nossas provincias, quer interiores, quer littoraes, nada existe, nem a linguagem, que mostre serem ellas parte de um mesmo todo. Nos costumes, no character, nos gostos e até nos trajes ha uma extraordinaria differença, o que naturalmente provêm do cruzamento de raças, da maior ou menor affluencia de estrangeiros, do genero da vida mais geralmente seguido pelos habitantes e de mil outros motivos, que escapam-me e ignoro talvez.

Dahi segue-se o que é importante para o caso vertente, e vem a ser, que o povo brasileiro, estudado quer pelo lado moral, quer pelo physico, offerece á observação muitos matizes, que hão e devem de ser considerados no genio de nossa poesia patria, que os apresentará, ou, descrevendo-os cada um isoladamente, ou a todos juntos nos pontos de contacto.

A esse amalgama só o tempo dará remedio.

Quando o barco de vapor e a locomotiva não forem mais entre nós uma tentativa feita a medo e ás apalpa-delas; quando por meio desses poderosissimos e principais agentes da civilisação moderna as distancias houverem desaparecido e as relações commerciaes tiverem levado a todos os recantos do Imperio a polidez, o cul-

tivo e o fino tracto da Côrte e de algumas das Cidades de beira-mar; quando finalmente o character brasileiro se haja perfeitamente extremado do character dos demais póvos e não seja, como hoje uma mestura, perdo-me a expressão rasteira, do hespanhol, do inglez, do francez, do portuguez, principalmente destes ultimos, só então a poderão os poetas escrever poesia brasileira, porque hão de escrever o que sentirem.

Mas enquanto se não derem essas circumstancias, enquanto estivermos jungidos ao jugo do estrangeirismo, ou se ha de proceder por partes, como o Sr. Gonçalves Dias nas suas *americanas* cantando os costumes dos indigenas, ou se ha de ser um genio precoce, que sómente longos aunos depois, como Milton, poder-se-á ser apreciado.

Todavia, parece-me que nenhuma opinião sobre este distincto poeta é segura e duradoura, se não por limitadissimo espaço de tempo, porque só o futuro poderá dizer o que encerra em si essa intelligente cabeça.

Concluindo estas ligeiras considerações sobre elle, permittir-me-ás, que repisando o que já disse, repita que dos *cantos* do Sr. Gonçalves Dias occupei-me sómente da parte de que tenho tratado, porque nella é que se ostenta, e innegavelmente com vantagem, um cunho de originalidade, que falta no resto, donde, como de tudo quanto sahe de sua penna, resalta, muita belleza, muita elegancia, muita poesia.

Passando ao ultimo dos tres poetas, que citei, o

Sr. Porto-Alegre, entendo ser elle o homem de que necessitamos e quanto podemos ter ao presente.

Dando ás suas *Brasilianas* um caracter e melodia totalmente novos, soube revestir de galas, conforme a sua frase a respeito dos Srs. Odorico Mendes e Chateaubriand, as cousas que parecem mais comesinhas da vida.

Comprehendendo, como é dado á sua alta intelligencia comprehender, o que devera de ser o poeta brasileiro, cantou o Brasil com seus bosques frondentes, seus passaros de gorgeios indefiniveis, suas montanhas de caprichosas ondulações. E em tudo conservou sempre a côr local, que tanto realce dá á poesia e faz que a descripção não seja uma mentira, despertando dos fundos de nossa alma essa melancolia, que não deixa de ser um dos toques principaes do caracter brasileiro e da poesia portugueza em geral.

Nas *Brasilianas* ouvis o canoro trinado do curió ou do bicudo pousado na copa da mangueira, o murmurio do regato, escoando-se por entre as palmeiras, o canto triste e monotono do boiadeiro, o conto do certanejo repassado dessa superstição, que tão commumente se nota nas nossas classes menos cultas.

Em meu modo de pensar é o Sr. Porto-Alegre quem hoje reune mais quesitos para ser classificado como poeta brasileiro, na genuina accepção da palavra, porque suas poesias não são filhas do estudo da arte nem imitadas, na fórma ou no genio, do estrangeiro; e sim inspiradas pela nossa bella e virgem natureza.

Nellas conhecem-se os traços principaes do caracter brasileiro e quanto elle tem hoje de propriamente seu ahi vê-se insculpido, pelo menos no que dellas tem sido dado ao publico, que é o que só conheço.

E quando por ventura se organise uma escola da poesia patria, nessas *Brasilianas* tão doces, tão suaves, tão harmoniosas ham de beber-se grandes lições e preceitos. E creio firmemente que o Sr. Porto-Alegre vivirá no futuro de nossa litteratura antes como o cantor das *Brasilianas* do que como o autor do *Colombo*, com quanto subido seja o merito desse poema, que avalio no todo pelos fragmentos, que tenho lido.

Eis-ahi, pois, o que penso acerca destes tres brasileiros notaveis, e acredita-me que é a medo, que dou á imprensa esta minha opinião, apesar de me parecer, que a formei, cingindo-me á regra do erudito La Harpe, o qual prescreve, que se avalie o merito de uma obra, considerando-a em si e o de um autor, comparando-o com seu seculo.

E não é infundado o seu receio, porque sei que estes poetas tem não poucos seguidores e ainda maior numero de fanaticos.

Voltando ao meu proposito, que interrompi com tão longo e insipido incidente, tenho a dizer-te e já o sabes, que não procurei imitar a nenhum desses tres poetas, de que acabo de falar, não só, porque entendo e já o disse nesta mesma carta, que nunca o pensamento, e a fórma devem de ser forçados, como tambem, que

não creio, que na imitação possa haver um mérito real e prefiro ficar na órbita, que me traça a minha apoucada natureza, a querer elevar-me, e, novo Icaro, cahir por se me haverem as azas derretido.

Antes de terminar corre-me a obrigação, visto haver tanto falado em escolas, de fazer um protesto, que já vai dito, mas não claramente especificado, e é elle, que aborreço tudo, quanto se aproxima a systema, quanto se desliga de uma ampla e completa liberdade.

Nisto sigo ainda uma vez o teu predilecto Victor Hugo.

Tu, porém, o dirás: fui bem ou mal inspirado em adoptar o alvitre, que segui?

Poeta e escriptor de não vulgares talentos, lança ainda as vistas para estes meus pobres ensaios, e diz até que ponto subiu a temeridade do teu amigo.

Sabes perfeitamente, que não foi uma tresloucada ambição de gloria, que me conduziu á imprensa com o livro de minhas poesias em mão: tenho, graças ab Creador, bastante bom senso para estimar-me e ao que faço, senão em seu verdadeiro valor, ao menos no mais approximado possível.

A minha resolução foi instantanea. Estavas junto a mim, em uma dessas conversações intimas, em que o coração se expande e a alma evoca seus mais mimosos sentimentos, conversações, que soes adornar com todo primor de tua palavra, e graças de teu espirito, quando pela primeira vez tive a idéa da publicação de meus

versos. Vacillei ainda; déste-me, porém a mão e acorçoaste-me.

Ahi tens a tua obra.

Agora compete-te cumprir o que me prometteste: escreve a introdução do meu livro.

Adeus: crê que sou com sinceridade e mais ainda, com impossibilidade de deixar de sel-o

teu amigo

Amaral Tavares.

Eis o que em resposta lhe escrevi. Se modifico a fôrma epistolar é para poupar aos leitores o dissabor da leitura seguida de uma dissertação tão longa.

I.

Meu caro Amaral. — Pedes-me um prologo para teu livro de poesias?

Escrevera-o talvez! Se o espirito do homem deve resentir-se, como eu creio, das impressões que, n'um periodo dado, mais fortemente actuam sobre elle; nunca eu estivera em melhor condição para escrever a introdução de um livro, como o teu, todo consagrado á poesia, ao sentimento, á vida intima da alma, ás secretas funcções do coração.

Sim, eu devera hoje escrever poesia, devera hoje segreggar-me de todas as impressões alheias ao sentimento puro da contemplação da alma em si mesma, do coração em seus mysterios, da criação em suas bellezas e de Deus em suas obras. Devera, juntamente contigo, separar-me de todo o resto do mundo, fechar meus olhos a todos os encantos externos, cerrar meus ouvidos a todas as vozes da terra, só para rever-me no espelho de meu proprio *eu*, só para ouvir as harmonias mysticas dessas phrases mudas do coração, que são os indicios reveladores da existencia de um outro ser em nós mesmos, ser inócuo, limpo de toda mancha, puro de todo olhar, sincero, meigo, recatado e divino, como a essencia que o sub-

stancia. Finalmente fôra esta sem duvida a vez propria de traçarmos em torno de nós um horizonte, um circulo, impenetravel a todas as vistas, vedado a todo ingresso, onde só nós reinassemos, livres de toda impressão que não fosse nascida da condição excepcional de nossas duas existencias; ambos nós ligados pelo élo dos mesmos sentimentos e das mesmas inspirações, n'um campo todo nosso, nosso, de ninguem mais, abrigados no mysticismo de nossas sensações todas virgens, para então no silencio de nosso recolhimento, podermos soltar o brado libertador do poeta cubano

Alfin mundo fatal, nos separamos!

Para que, perguntar-me-has tu? Não é na solidão que o homem de espirito vive mais acompanhado? Não é principalmente no silencio que os echos do borborinho agitado da existencia se repercutem mais estrondosamente?

E' verdade, amigo; é na solidão que a imagem da sociedade se desenha mais pronunciada e firme. E' no silencio que os echos da vida se despertam com mais estridor. Mas é por isso mesmo que o espirito velador do pensativo tem occasião de surprehender a face do mundo desvelada e perfeita, de notar-lhe todas as rugas, de tocar-lhe em todos os polypos hediondos que lhe amorpheiam o semblante, porque é então que nem a poeira dos sophismas nos empana a vista nem serve

de véo ou de sudario, onde o falso idolo se embuce e subtraia ao olhar interrogador e severo do poeta — esse philosopho caduco da humanidade que argumenta cantando, e cujos sylogismos são em verso!

Se a vida se comprehende pelo bater açodado do coração, se ella se revela pela agitação convulsa do sangue que se precipita nas veias; meu amigo, eu vivo, vivo hoje mais do que nunca, porque sinto devorar-me a existencia e corroer-me as visceras o fogo de uma febre devoradora que me escalda o cerebro e me incendeia todas as fibras do coração.

E' uma enfermidade talvez! E' uma molestia do tempo! nem por isso deixa de ser perigosa.

II.

O mundo como que passa por uma transformação: os homens depuram-se n'algum novo crisól: a civilização, quem sabe? pára por instantes para considerar-se á si mesma, para medir suas forças, para calcular sua derrota, para admirar-se talvez!

No desenvolver dos espiritos, na marcha do progresso, uma modificação se opera. Seja qual for a causa, limito-me aqui a consagrar o effeito.

O que para mim é incontestável, meu amigo, é que um novo declive se abre á direcção dos espiritos da época.

As necessidades do progresso do mundo, esse desejo ardente de engrandecimento e de força, que é um dos caracteres distinctivos da geração actual, essa vontade irresistivel de apparecer ou parecer opulenta e suberba, tem invadido todos os dominios, avassalado todas as intelligencias, de modo que todos esses melhoramentos sociaes, isto é, aquelles que se referem ao bem estar material da humanidade, parece serem o unico alvo a que devam mirar os homens da época, a unica preocupação de todos os espiritos, a unica conquista que se deva tentar!

E' um facto de que não ha duvidar. As aspirações da maior parte da mocidade destes tempos não se elevam até o sonho dessas grandezas que nascem da elevação do espirito por meio do idealismo até a concepção

das maiores empresas, até a comprehensão das mais arrojadas utopias, que eu, com um grande poeta, chamarei, verdades precoces, mas, bem ao contrario, ellas se dirigem á realisação desses projectos materialistas, que, apesar de tudo, nós homens do progresso e da civilisação, homens sociaes e pertencendo a uma corporação nacional, não podemos recusar nem banir, mas que não podemos deixar de lamentar como poetas, como homens mais de idéas que de factos, mais de espirito que de carne.

Como vê, não blasphemo contra as obras necessarias aos commodos da vida e ao bem estar da existencia; não crimino essas empresas, que se succedem e se multiplicam, todas destinadas ao emprego mais util e conveniente da materia em proveito das exigencias e das necessidades do mundo que habitamos. Não, não as condemno, deploro somente que para a grande viagem do homem atravez dos tempos e das épocas sejam mister essas estradas aperfeiçoadas, esses trilhos velozes que apertam os laços da familia humana, e que ligam os differentes povos da terra, tão rapida e velozmente como a idéa que se transmittê, como o pensamento que se advinha, como a palavra que se solta !

Mas, pois que disso, que é uma circumstancia, que é uma condição de momento, alguns tem querido fazer uma religião, da mesma maneira que alguns, que se dizem os sacerdotes da civilisação, tem querido **placar** essa contingencia. até a altura de um principio, de uma

causa primaria, procurando assim fazer uma seita, estabelecer um mundo novo e chamar para elle todas as intelligencias que se despertam, todos os individuos que vão apparecendo, e estreado na carreira da vida, é preciso, é indispensavel que uma vez por outra ao menos, alguem remonte e surja de sua propria obscuridade para levantar um protesto contra essa aberração monstruosa de todas as leis divinas, contra essa desfiguração, com que se procura torcer e desviar o verdadeiro sentido do verbo da criação!

Ora, esse protesto hoje, não pôde ser a palavra, porque se perde; não pôde ser o artigo do jornal, porque se esquece; não pôde ser a pregação, porque ninguém escuta; só pôde ser um livro, porque fica, porque talvez seja lido, porque talvez seja um dia tirado das estantes pulvurentas de alguma bibliotheca publica por alguem que, como nós, ligue toda importancia ao pensamento mais do que á obra, á inspiração mais do que ao facto.

Que nos concedam ao menos essa garantia!

Hoje que quasi todos os direitos se contestam, hoje que quasi tudo se nega; na Inglaterra o direito do recreio, na França e na Hespanha o direito do pensamento e da palavra, na Russia, na Austria e em toda a Alemanha o direito da liberdade, na Italia o direito da vida, e na America o proprio direito, o direito em sua essencia, em sua divindade, em sua razão, em sua justiça, e que mesmo aqui entre nós nada se nega porque

em nada se crê; hoje que em quasi toda a parte nega-se á alma as suas aspirações, ao coração os seus sentimentos, á religião o seu poder, e que só se reconhece e se crê na grandeza que vem da força, no direito que o canhão consagra, no interesse que resulta do dividendo de algumas acções, na prosperidade que decorre da velocidade das locomotivas e do telegrapho electrico, do fervor da agiotagem, da agitação das grandes empresas, das fortes machinas e das boas estradas; que nos concedam ao menos, a nós, que vivemos fóra desse mundo, o direito da esperança, a fé no futuro da civilisação, a crença na alma da humanidade, nos sentimentos generosos, nas idéas inspiradas, na grandeza que nasce da gloria, na gloria que resulta do trabalho! (*)

Sim, o trabalho. Nem só o trabalho do engenheiro que aplanas as montanhas, que muda o curso dos rios, que corta as florestas com seu rumo e sua agulha!

Nem só o trabalho do canteiro que mina as rochas, do pedreiro que quebra a pedra, mas tambem o trabalho do artista, do estatuario que contorna, do escriptor que véla, do philosopho que pensa, do poeta que medita, e que recebe as suas inspirações da natureza, traduzindo-as em paginas sentidas, humidas de seu suor e de suas lagrymas, e em cantos divinos todos repassados de

(*) Quem attenda para a data deste escripto comprehenderá facilmente as allusões politicas que faço.

melancholia e tristeza, interrompidos às vezes por um suspiro, outras cortadas por um soluço!

Oh! a este tambem a sua recompensa no presente, a compensação de seu esforço diario, a animação de suas noites febris, o alimento de seus dias de labôr e de angustia!

Não se contentem os homens das animações de encomenda, com apontar-lhes mudamente para um futuro distante, para uma compensação tardia, para uma gloria que pôde falhar, para alguma estatua talvez, cujo cimento seja preciso arrancar-se para *macadamisarem* alguma estrada de carros ou assentarem os trilhos de algum *ferro-carril!*

Nem por isso me acoimes, meu amigo, de anti-progressista e retrogado, não; eu acceito a civilização com todas as consequencias.

Vinguem as emprezas, desviem-se os rios, canalisem-se os mares, venham os telegraphos, os vapores, as estradas de ferro; mas que todos esses melhoramentos, que todas essas arterias da civilização, não enrosquem o corpo da nação, abafando-lhe o respirar, rasgando-lhe as carnes como outras tantas serpentes abafaram e dilaceraram o corpo do Lacoonte da fabula!

Aplanai as nossas montanhas, vós, homens do progresso, derribai as nossas mattas, aclarai o centro de nossas florestas com a luz de vossas lanternas, roubai-nos todos os encantos da natureza, toda a harmonia, todo silencio, toda poesia das obras da Providencia, ide sub-

stituindo, se poderdes, todas as creações da Divindade pelas obras imperfeitas e mancas, feitura de vossas mãos tremulas pela ambição de um lucro, pela esperança de uma grande recompensa de vossos esforços; mas não profaneis todos os recintos, deixai-nos ao menos algum canto para a meditação, alguma belleza para nossa admiração, alguma harmonia para as lyras de nossas almas, de nós os poetas, os sonhadores, os utopistas; algum silencio, emfim, em cujo remanso possamos soltar as azas á imaginação para que devaneie pelos páramos da poesia e do infinito, e para que possamos entregar-nos á contemplação das maravilhas de Deus!

Roubai-nos tudo, sim, mas não materialiseis todos os espiritos, não corrompais com vossas theorias *maeadamicas* todos os sentimentos, todas as almas; deixai-nos ao menos uma imagem para os nossos pinceis, um typo, para que nossos escopros o reproduzam no marmore, um sentimento, emfim, para que possamos na idealisação das cousas humanas remontar-mo-nos até a suprema origem de todas as grandezas, de todas as bellezas e de todas as virtudes!

Seja este embora o reinado do ferro; domine em toda a parte o elemento da grandeza decorrida da manipulação da materia, seja assim; mas que a alma humana tenha tambem o seu sanctuario, onde os sacerdotes e os cathecumenos da religião do espiritualismo, possam entoar livremente os canticos sagrados de sua liturgia!

Quando o Redemptor da humanidade veio ao mundo

para cumprir a sua missão divina, para regenerar os povos do universo, embrutecidos pelo materialismo de suas superstições, corrompidos e gastos pela adoração estúpida de seus ídolos de barro; não se serviu para transmissão de sua crença celeste, para o derramamento de suas idéias inspiradas, nem do telegrapho electrico, nem dos trilhos de ferro; não caminhou nem em vapor nem em *wagon*; sua locomotiva e a de todos os apóstolos, seus discipulos, era a das sandalias deromeiros peregrinos da regeneração do mundo e da revelação do progresso.

A palavra era o seu telegrapho, o pensamento de sua missão o motor de suas forças, e no emtanto de um recanto a outro do orbe, sua doutrina voou, suas palavras retiniram, derramando-se pela terra, como outras tantas gottas de fécundante orvalho!

Oh! eram tempos esses, em que as populações se grupavam pelos templos e pelas praias, a ouvirem a palavra sagrada da regeneração da alma, a receberem a uncção do oleo divino; tal qual como se grupam hoje em torno das praças de commercio, dos bancos de desconto e das casas de penhores.

Felizmente, porém, a semente uma vez lançada á terra pôde, embora, demorar a sua germinação por algum tempo, mas, dia virá, em que ella rebente á superficie do solo, viçosa e reverdecida pela côr celeste do azul da atmosphera.

III.

Estas palavras devem de ser para ti mais do que um desabafo de poeta, deixa-me assim crismar-me porque o sou, porque o sinto n'alma, na delicadeza do sentimento, na melancolia que, como sabes, é a Capua, em que repouso das fadigas e dos enojos da vida; e é por isso tambem que assim me chrismo sem receio de que me taxem de vaidoso; ellas devem de ser para ti uma profissão de fé.

Devem de servir para revelar-te o que penso sobre a sorte de teu livro, isto é, sobre a sorte de qualquer tentativa poetica nestes tempos de tanta labutação, de tanta desordem, embora a superficie da sociedade se apparente calma e tranquilla.

Ha na historia um facto, que talvez para o maior numero não tenha a importancia nem a elevação, que lhe ligo e que no emtanto servir-me-ha para explicar-te o meu modo de pensar talvez excentrico; quero falar da revolução franceza em 1848.

E' um facto bastante recente para que me demore em demonstrar ou antes em recordar-te o effeito que produziu, os elementos que poz em lucta, as causas que agitou, os principios que desenvolveu.

O romper da revolução na França, foi a alvorada da revolução européa, que só Deus sabe a influencia que era chamada a exercer nos destinos futuros da humanidade.

Todos o sentiram: — foi um echo que reboou em todos os pontos do globo, foi uma voz que se ouviu em toda parte e que chegando até nós, accordou por sua vez echos adormecidos ou ignorados, cujo som ainda não perdeu-se de todo.

Semelhante a uma machina electrica, a revolução imprimiu em todos os espiritos um certo movimento, uma certa vida que era a predestinação de grandes successos, que o acaso ou a fortuna, como lhe chamam, fez mangrar e abortar quasi ao nascer.

O principio appareceu, mas foi sophismado antes que as consequencias se podessem deduzir naturalmente.

E' o caso de dizer-se com o nosso poeta:

Foi destino ou traição?!

Não entro agora nessa indagação que viria certamente augmentar as proporções desta carta e tornar o prólogo mais longo do que o livro.

Quero, porém, consagrar aqui que o anno desse cataclysmo foi a epoca das esperanças e da fé de todos os espiritos illustrados da Europa. Foi uma grande promessa feita ao mundo, mas foi tambem, como todas as esperanças, apenas um appello da boa vontade aos seculos por vir.

Morreram ou antes foram abafadas pelos proprios instrumentos que as serviram!

Desse desgraçado aborto nasceu a descrença, o

scepticismo, a duvida, e a duvida como bem sabes, meu amigo, em certos casos é a morte, é o aniquilamento.

As idéas como que se fatigaram, as impressões foram-se modificando, as ambições foram variando e desviando-se; as luctas do interesse substituíram as luctas da intelligencia; tudo se transviou, muito perdeu-se, e o que se ganhou? mais um rei!

Já vês que foi uma conquista muito pobre para tantos sacrificios.

Agora deixa-me dizer-te o que sinto em geral pelo destino da poesia e em particular pelo destino do livro de tuas inspirações.

Em tua carta dizes-me que « não seguiste de preferencia este ou aquelle modelo, » que a ninguem imitaste emfim.

E' esse acaso um peccado de que te devas accusar? Seria um erro ou uma falta, em cuja confidencia fosse mister interessares aquella parte do publico que ler o teu livro e que se deixe arrastar pelo encanto descriptivo de todas as bellezas que te inspiraram?

Não, meu amigo. A imitação não é um crime, mas é uma deficiencia de recursos; é uma revelação de pobreza, em cuja intimidade ou em cuja sujeição o espirito se acanha e se amortece. Quem encontra em si ou possui os elementos de uma fortuna, quem tem os fundamentos de um cabedal proprio, não abre a bolsa para ir pedir as sobras de ninguem, mesmo de alguem muito rico para

depois de tê-la recheado, apresental-a aos outros como um galardão de fortuna, como uma ostentação de riqueza. Sempre são pennas alheias, vestes que nos emprestam, fructo de um primeiro trabalho que nos não pertence, azas de Dedalo, emfim, que o sol póde derreter na occasião mesma, em que por ventura pretendamos alçar-nós por meio dellas até uma região mais elevada.

A poesia, a verdadeira poesia é aquella que nasce da alma, que tem sua origem no sentimento intimo, que se revela em nós pela inspiração nativa, que se fructifica pelo genio, que se adorna e enfeita com as galas proprias da imaginação e que não precisa de luz estranha para reflectir-se no exterior, como se fosse um astro opaco que não podesse luzir sem o empréstimo de raios alheios.

Quanto aos modelos, mesmo os bons modelos, os grandes genios, os grandes inspirados, de que servem elles? O que lhes pediremos nós? O fundo ou a fórmula? O pensamento ou o estylo?

Em minha opinião, nem uma nem outra cousa se lhes deve pedir.

A natureza em si é sempre uma; mas a natureza em suas diversas fórmulas, isto é, a natureza em cada individuo, é, como bem sabes, variada e ductil.

Em cada uma dellas causas iguaes podem produzir effeitos differentes. Um mesmo facto póde actuar nellas com uma impressão diversa.


Assim pois, nem todos os individuos sentem do mesmo modo. Variando as impressões, o resultado da sua operação sobre um póde talvez ser igual, e nesse caso o modelo desaparece e a imitação não tem lugar; mas póde tambem pelo contrario ser diverso e nesse caso a imitação é um servilismo, uma baixaza e o modelo serve então de traslado, por onde se copiam as linhas que se acham já escriptas, o que, concordarás comigo, é uma bem triste e miseranda missão para um espirito que aspire á elevação e para uma alma que aspire á nobreza.

Em todo o caso, porém, é uma revelação de pobreza. Só pedimos aquillo que não temos.

Quanto aos criticos de mau gosto e pouco senso, que por isso mesmo que só olham para traz de nós que vemos adiante, clamam constantemente aos moços que imitem o passado, que busquem os modelos, remetto-te para aquellas espirituosas e sabias linhas de Victor Hugo quando trata deste ponto.

Vamos porém á poesia. Para mim a poesia tem uma só fonte mas corre por dous grandes e diversos canaes de onde se vae transformando e modificando, conforme suas differentes revelações.

A fonte é a natureza, isto é, o homem, porque é a natureza em seu estado mais perfeito.

Ora o homem tem dous lados principaes, duas faces caracteristicas de sua individualidade, que são o  rito e o sentimento, a razão e o coração.

Mais ainda. O homem sofre em si duas grandes impressões, que são como as duas grandes aberturas pelas quaes se desata e precipita o oceano da poesia. Uma que parte da natureza do mundo e outra que parte da natureza da sociedade. Uma que desce do espirito a falar-lhe ao coração, outra que sobe do coração a despertar-lhe o espirito.

Em uma, porém, como em outra, o seu alvo é sempre o mesmo, é sempre a *verdade* que busca, é sempre a *perfeição* que deseja.

IV.

O universo com todas as suas maravilhas surprehe-nde-o ; fere-lhe o espirito , excita-lhe o raciocinio , obriga-o á reflexão—elle comprehende a necessidade de buscar a origem de todas essas bellezas que o pasmam , de indagar a verdade de todos esses phenomenos que o admiram , de vêr se encontra a perfeição de todas essas obras diante das quaes pára estupefacto e mudo . Uma idéa então lhe aparece—a criação precisa de um creador ! Seu espirito eleva-se nessa indagação , não encontra ne terra um poder , uma força que lhe pareça capaz da ter produzido tudo o que vê e admira , sóbe ás regiões mais elavadas do pensamento , transporta-se em sua mesma impressão , devassa os ares , corta as nuvens , penetra o céo—vé Deus !

Ahi a poesia revela-se-lhe pela contemplação . Em meio de tanta grandeza quer ainda fazer uma comparação mas não encontra um termo .

Cercado de tanta luz busca sua própria sombra e não a acha : então a consciencia de sua pequenez e de sua fraqueza fala-lhe ao coração , elle se sente humilde : nasce a religião

É então que a poesia se lhe desperta no espirito para falar-lhe depois ao sentimento .

A religião é a manifestação : Deus é o principio revelador .

V.

A sociedade é o homem em sua natureza aperfeiçoada. O progresso é uma condição de seu aperfeiçoamento; a civilização em seu mais alto grau é o fim de seus esforços; é a méta de sua marcha.

Elle vê-se rodeado de elementos todos poderosos e activos, próprios para alcançar o fim a que se dirige.

Homem e individuo, *homo et vir*, reúne em si, por assim dizer, duas naturezas, uma toda espiritual, outra toda sensível. Para a satisfação da primeira, encontra na religião o recurso e em Deus o fim. Para a satisfação da segunda, encontra no commercio, na industria em todas as obras, emfim, do seu genio ou da propria natureza, o alimento indispensavel para o desenvolvimento de seu ser.

Ha, porém, uma como terceira natureza, ligando essas duas, uma especie de élo, de conjuncção que as estreita, que as aperta e une de tal modo que parece fundil-as n'uma só, que se eleva até Deos pelo espiritalismo e que se aproxima á terra pela sensibilidade, harmonisando suas funcções de sorte a formar um todo completo, a que chamamos o coração e que é a fonte onde iremos beber o conhecimento da segunda revelação da poésia.

Satisfeitas as necessidades de seus dous primeiros modos de existir, resta-lhe satisfazer as do seu terceiro estado. Tendo preenchido as condições do primeiro e

do segundo, cumpre-lhe preencher por sua vez as condições e as exigências de sua terceira natureza, se me posso assim exprimir.

Vejamos como elle opera, para conseguir esse fim.

VI.

Já te disse que em todo caso a applicação do espirito humano se dirige a uma conquista á *verdade*, á *perfeição* ou aquillo que mais se lhe aproxima. O typo que reunir em si essas condições, esse é o alvo a que elle se dirijirá.

Tendo encontrado esse typo para sua primeira poesia, deixa-me assim falar, resta-lhe encontrar outro para a segunda.

O mundo de sua consciencia povôa-o elle, por meio da religião, com a grandeza do Creador que encontrou, falta-lhe porém povoar o mundo do seu coração, falta-lhe encontrar na sociedade, isto é, nas relações de sua existencia com o resto das outras existencias que o cercam, o typo, a criação superior, a mais elevada expressão dessa sua natureza, a sociabilidade; elle encontra-o tambem.

Tudo possui. Inteligente goza na satisfação de seu espirito, rico na largueza de sua fortuna, pobre na compensação de seu trabalho, falta-lhe, porém, um outro gozo, uma outra compensação que para sua natureza degenera em uma necessidade indeclinavel, palpitante, immediata. Em sua relação com os outros homens, em sua communidade com os outros seres, elle sente a ausencia de um bem estar que aspira, lamenta a falta de uma satisfação intima, sem o que, reconhece uma como imperfeição em si mesmo, uma especie de vacuo, que lhe cumpre encher.

Comprehendendo que a sociedade é a ligação, é a união dos seres entre si, busca em sua intimidade com o mundo, essa ligação, essa união, esse resumir, por assim dizer, de duas naturezas que se fundem em uma só, estreitadas por todos os laços civis e moraes, que lhe represente o typo que procura, que lhe signifique a verdade de sua condição social, a perfeição de sua natureza, que seja para elle, enfim, a satisfação completa de todas as aspirações de sua alma e de todas as necessidades de sua existencia.

E' então que em meio da humanidade, em meio do torvelinho agitado de todas as vidas que lhe respiram em torno, a seu lado muitas vezes, é então que elle descobre um ente; uma creatura com todos os indicios das qualidades que busca, capaz de dar-lhe tudo que lhe falta e mesmo de crear-lhe outros gozos, outro bem estar, de que elle mesmo se não apercebera antes, e que no entretanto vem a ser depois o resumo de todas as suas ambições.

Esse novo conhecimento desperta-lhe um sentimento novo. Uma vez captivado por essa impressão, sente immediatamente que sua vida não será completa sem a satisfação dessa necessidade que se lhe despertou no coração.

Encontrar, pois, em outro ser que viva constantemente a seu lado, que lhe seja unido por todas as circumstancias, tão unido que, chegue a identificar-se com elle, que o siga a toda parte, que o acompanhe na

terra em seu destino, emquanto elle sonha que o acompanhára tambem no destino da outra vida, que seja para elle o que o espelho é para as imagens, a reflexão do proprio ser, a reprodução de si mesmo, que seja, emfim, uma sorte de instrumento magico em cujas cordas vibrem todas as impressões que o assaltem, de contentamento ou de dôr, sejam alegrias ou pesares, sejam sorrisos ou lagrymas; tal é todo o seu empenho, tal é todo seu fim, tal é a nova fonte de onde deve brotar para elle o manancial de um sentir todo novo, de uma poesia toda inspirada.

Esse sentimento estranho e febricitante que lhe, agita então os nervos, é o amor: esse typo, essa creatura, essa realisação de seu ideal, a mulher!

Eis a fonte onde vai elle beber as novas inspirações e a nova existencia que o devem alentar e fortalecer. Para vestir e adornar esse ente que lhe surge, como uma visãó encantada, para revestir de toda belleza e de toda formozura essa creação superior, esse typo angelico que lhe apparece em meio do desencanto de sua solidão, como o arco iris da esperanza e da ventura, procura em sua imaginação as galas mais ricas e em seu coração as virtudes mais preciosas, para dar-lhe tudo, para vél-o sempre o anjo destinado á supprir-lhe na terra a falta de todos os encantos que adevinha no céu, para que ella lhe seja sempre a *creatura bella bianca*, que o Dante vestió com as galas delicadas e tenues das nuvens diaphanas de seu espirito, nas horas da melancolia e da contemplação.

Ella-é-lhe então o complexo de todas as lindezas que seus olhos admiram e que sua imaginação engrandece e eleva; e para que a perfeição do seu typo seja completa e real, soccorre-se a seu espirito e reveste-a então de todas as qualidades, de todas as virtudes que podem elevar e ennobrecer uma creação adorada.

Eis a poesia, despertando no coração e subindo a accordar o espirito. Eis a nova fonte de que ella rebenta para saciar a sêde do homem.

O amor é a manifestação; a mulher, o principio revelador!



Eis-aqui, meu amigo, pallida e ligeiramente esboçado o modo, porque entendo que a poesia se revela em nós. E' assim que eu a comprehendo, a admiro e aprecio. E' assim que eu a sinto e que não posso infelizmente revelal-a nem nos versos toscos que faço, nem na proza incorrecta e manca, em que procuro ás vezes descrevel-a.

Tu a comprehendes assim tambem, assim a vais revelar ao publico.

Já vês, portanto, que para mim e para a humanidade o poeta dos poetas, o *poeta sovra*no será aquelle que melhor souber ou melhor puder resumir esses dous generos, identificar esses dous principios, beber nessas duas fontes de poesia, a força, o colorido e a vida de suas descripções e de seu estylo.

Debaixo deste ponto de vista creio, que quando a posteridade tratar de compulsar as obras dos grandes poetas nossos contemporâneos, decidirá que Victor Hugo é mais poeta do que Lamartine, e fallando dos nossos poetas patrios, julgará Gonçalves Dias e Macedo superiores á Magalhães, e Porto Alegre superior aos tres.

Quizera aqui, respondendo ás observações que em tua carta me fazes, estender-me um pouco sobre a nossa litteratura e dar-te minha opinião franca e leal sobre o apreço que faço das nossas summidades litterarias.

Falta-me, porém, o tempo; mesmo triste exploração fora essa.

Tu, como eu, bem sabes, o que tem sido e é a nossa litteratura, o que são os nossos poetas e quanto é pobre o presente, sendo aliás o futuro rico de esperanças.

Temos poetas, sim, temos a poesia; o que nos falta, porém? A crença, a fé robusta, o amor á gloria, a compensação ao trabalho, isto é, falta-nos a animação.

Felizmente, porém, ha corações bastante energicos e audazes, que levantam ás vezes um brado de protesto contra esse estado de prostração e de abatimento. Nesse numero entras tu. Vás apparecer ante o publico com o livro de tuas inspirações, e aguardas sereno e tranquillo o juizo de teus criticos.

Quero deixar-lhes a gloria e o direito da apreciação do merecimento de tua obra.

Para a publicação de teu trabalho dizes que eu concorri, principal senão unicamente. Eu aceito essa especie de responsabilidade, que me queres dar, por isso que uma parte da gloria que te couber me pertencerá também, não pelo titulo do trabalho mas pelo titulo da amizade estreita e sincera que nos liga.

Fizeste mais. Generoso como és, quizeste que a frente de teu livro, ao lado de tuas inspirações, no meio desse jardim primoroso a capricho ornado e preparado, eu depuzesse as flores pallidas e fenecidas de uma imaginação enferma e pobre, para que o perfume das tuas lhes emprestasse o encanto que lhes falta.

Ellas ahi vão; que acompanhem ao menos o destino que aguarda as tuas.

Concluo aqui, recordando-te um trecho sagrado, e fazendo uma parodia, que te cabe.

A um dos pregadores de sua doutrina, disse-lhe Christo um dia:—Vai, serás ouvido porque dirás a verdade.

Eu digo-te o mesmo: atira o teu livro ás multidões, elle será lido porque escribes te o que sentias.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).